

# FARMÁCIA PORTUGUESA

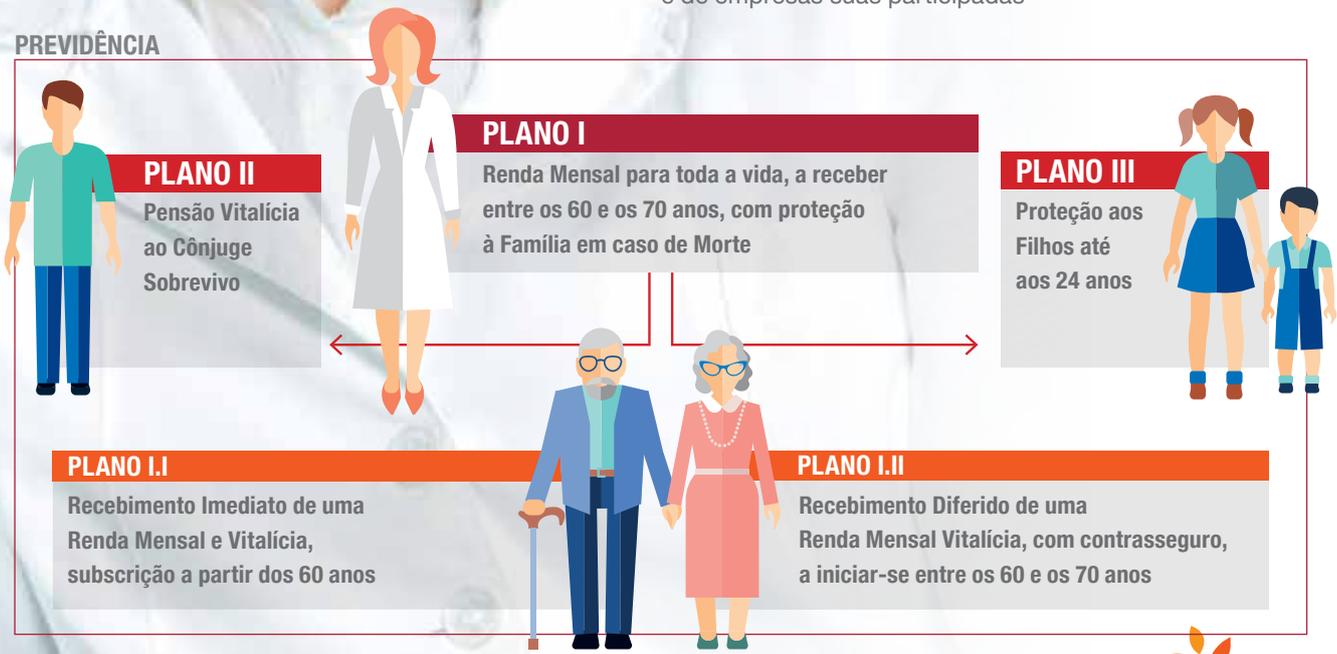


**PORTUGAL  
TEM FUTURO**

# ADIRA A UM FUTURO CERTO

- Farmacêuticos
- Proprietários de Farmácia
- Colaboradores de Farmácia
- Ascendentes, Descendentes e Cônjuges dos Associados *e agora*
- Colaboradores de Instituições do Sector Farmacêutico e de empresas suas participadas

## PREVIDÊNCIA



## POUPANÇA

### PLANO V

Mealheiro com seguro de vida, prazos entre os 5 e os 25 anos. A contribuição mensal é calculada em função do "objectivo" a atingir



## INVESTIMENTO

### PLANO VI

Aplicações a partir dos 100 euros por prazos de 3, 5, 10 e 15 anos



***Temos sempre uma solução para si! Contacte-nos.***

**VANTAGENS ASSOCIADOS MONAF:** Rendas vitalícias, benefício fiscal, prazos de subscrição ajustáveis ao perfil do Associado a partir de contribuições mínimas.

**VANTAGENS FARMÁCIAS, INSTITUIÇÕES DO SECTOR E DE EMPRESAS SUAS PARTICIPADAS:** equiparação fiscal no tratamento dos custos com o Plano I aos custos suportados com as contribuições para os fundos de pensões, beneficiando também os colaboradores.

**MONTEPIO NACIONAL DA FARMÁCIA, A.S.M.**

Rua Marechal Saldanha, 1 | 1249-069 Lisboa | Telf.: 213 400 690 - 213 400 693

[monaf@monaf.pt](mailto:monaf@monaf.pt)





DUARTE  
SANTOS

# A LIÇÃO DE VIDE

No dia 15 de Fevereiro, o bastonário da Ordem dos Médicos dirigiu-se à Farmácia Vitória, no Porto, para subscrever a petição “Salvar as Farmácias, Cumprir o SNS”.

No dia 21 de Fevereiro, foi a vez da bastonária da Ordem dos Enfermeiros.

No dia 7 de Março, o documento recebeu a assinatura do bastonário da Ordem dos Médicos Dentistas.

Os três bastonários coincidiram no gesto cívico e solidário.

Este facto honra e merece o reconhecimento dos farmacêuticos de oficina.

Para este saudável clima de cooperação muito tem contribuído a nossa bastonária da Ordem dos Farmacêuticos, que felicito vivamente pela eleição para um novo mandato.

Na tomada de posse, Ana Paula Martins fez um discurso brilhante, que fica para a posteridade.

Com a elevação de sempre, foi mais clara do que nunca quanto à urgência do Estado resolver o grave problema de insustentabilidade a que condenou as farmácias comunitárias.

Não podemos considerar adequado, num país europeu, que uma em cada quatro farmácias esteja em risco de sobrevivência.

Não é normal um farmacêutico de oficina perder tanto tempo, que poderia dedicar ao aconselhamento

dos doentes, a litigar penhoras e insolvências no tribunal, e ao telefone, à procura de medicamentos essenciais.

O problema é evidente.

Os bastonários das profissões da Saúde coincidem na análise do que está em jogo: a Saúde Pública e a coesão territorial.

A reportagem Volta ao Portugal Profundo, que publicamos nesta edição, mostra-nos um país esquecido, com pessoas reais em sofrimento, tratadas como se fossem cidadãos de segunda.

Os profissionais de saúde que cuidam dessas pessoas não aceitam a sua menorização.

A união das profissões da saúde em defesa do interesse público e do interesse dos doentes é um grande valor estratégico. Somos diferentes, temos papéis específicos. Essa circunstância permite-nos fazer coisas grandes em conjunto.

Nesta edição, um historiador, um farmacêutico e um jornalista reuniram-se para nos contar uma história fascinante com sete séculos. Refiro-me à rubrica Farmacêutico Convida sobre Castelo de Vide. Comunidades religiosas que se guerrearam no passado vivem hoje em grande harmonia. Não perderam a fé nem os rituais próprios, mas são capazes de celebrar juntas.

Desse facto, nasceu a Páscoa mais feliz de Portugal. Dedico-a a todos os leitores, com um voto especial aos colegas profissionais de saúde.

[www.revistasauda.pt](http://www.revistasauda.pt)

**Director** \_\_\_\_\_  
Duarte Santos

**Director-adjunto – Editorial** \_\_\_\_\_  
Carlos Enes

**Director-adjunto – Marketing** \_\_\_\_\_  
Pedro Ferreira

**Subdirectora editorial** \_\_\_\_\_  
Maria Jorge Costa

**Editor de Fotografia** \_\_\_\_\_  
Pedro Loureiro

**Ilustração** \_\_\_\_\_  
Lord Mantraste

**Responsável de Marketing** \_\_\_\_\_  
Cátia Alexandre

**Redacção** \_\_\_\_\_  
Carina Machado  
Irina Fernandes  
Maria João Veloso

Nuno Esteves  
Pedro Veiga  
Rita Leça

Sandra Costa  
Sónia Balasteiro  
Vera Pimenta

**Redacção Online** \_\_\_\_\_  
Diana Veiga  
Patrícia Fernandes

**Jornalista Convidado** \_\_\_\_\_  
Paulo Martins

**Arquivo Elephante** \_\_\_\_\_  
João Mendes  
Manuel Raposeiro  
Ricardo Martins

**Secretária de Redacção** \_\_\_\_\_  
Paula Cristina Santos  
[comunicacao@anf.pt](mailto:comunicacao@anf.pt)

**Publicidade** \_\_\_\_\_  
Nuno Gomes  
Cláudia Morgado  
[comercial@sauda.pt](mailto:comercial@sauda.pt) | 213 400 706

**Direcção de Arte e Paginação** \_\_\_\_\_  
Ideias com Peso

**Projecto Editorial** \_\_\_\_\_  
Departamento de Comunicação  
da Associação Nacional das Farmácias

**Projecto Gráfico** \_\_\_\_\_  
Ideias com Peso

**Periodicidade:** Bimestral  
**Tiragem:** 5.000 exemplares

**Impressão e acabamento** \_\_\_\_\_  
Lidergraf Sustainable Printing

**Distribuição** \_\_\_\_\_  
Alloga – Cabra Figa, Rio de Mouro  
Distribuição gratuita aos sócios da ANF  
Depósito Legal n.º 3278/83  
Isento de registo na ERC ao abrigo do artigo 9.º  
da Lei de Imprensa n.º 2/99, de 13 de Janeiro

**Assinaturas** \_\_\_\_\_  
1 ano (6 edições): 60 euros  
Estudantes de Farmácia: 20 euros

**FARMÁCIA PORTUGUESA** \_\_\_\_\_  
é uma publicação da  
Associação Nacional das Farmácias  
Rua Marechal Saldanha, 1  
1249-069 Lisboa

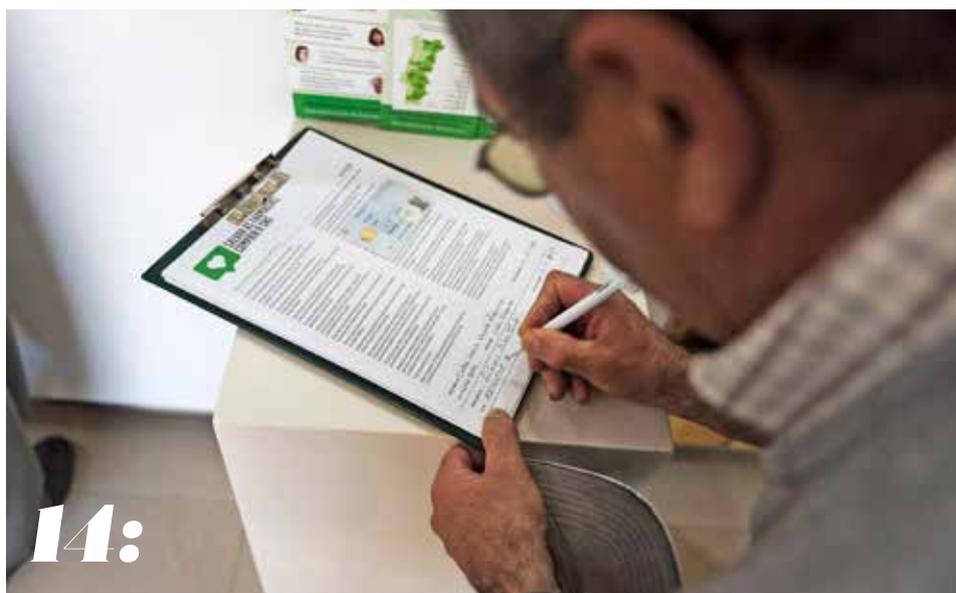
**anf**

Associação Nacional das Farmácias

Esta revista é escrita de acordo com a antiga ortografia.  
Todos os direitos reservados.



8:



14:



40:



62:



72:

**SALVAR AS FARMÁCIAS,  
CUMPRIR O SNS**

- 6 PETIÇÃO À ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA
- 7 680 FARMÁCIAS EM RISCO
- 8 SAÚDE CHAMA PARLAMENTO
- 12 BASTONÁRIA LANÇA APELO URGENTE
- 13 MINISTRA QUER «MANTER PARCERIA»
- 14 VOLTA A PORTUGAL PROFUNDO
- 26 ARGOZELO, MEU AMOR
- 32 UMA ALDEIA COM MEDO
- 40 A MULHER SEM ESPINHAS

**AGENDA PARA A SAÚDE**

- 50 FARMÁCIAS AUMENTAM COBERTURA VACINAL

**COPIADOR**

- 54 LIVRO DE REGISTOS  
DA FARMÁCIA PORTUGUESA

**MUSEU DA FARMÁCIA**

- 56 A SEGUNDA VIDA DE ODETTE

**NOTÍCIAS DA REDE**

- 62 PARA MAIS TARDE RECORDAR

**ARQUIVO ELEPHANTE**

- 66 «A FARMÁCIA DO MEIO PEQUENO  
É A ENJEITADA DA NAÇÃO»

*Joaquim Torrinha (1918 – 2014)*

**FARMACÊUTICO CONVIDA**

- 72 A CHAVE DO PARAÍSO  
*André Barrigas, Castelo de Vide*

- 80 699 ANOS DE JUDEUS  
EM CASTELO DE VIDE

**ENTRE NÓS**

- 82 100.000!  
*Paulo Cleto Duarte*



# SALVAR AS FARMÁCIAS, CUMPRIR O SNS

**ASSINE A PETIÇÃO EM**  
[www.salvarasfarmacias.pt](http://www.salvarasfarmacias.pt)

#salvarasfarmacias #sns40anos

O Serviço Nacional de Saúde (SNS) comemora 40 anos.

As farmácias dão os parabéns e desejam longa vida ao SNS.

A melhor forma de celebrar esta obra maior da nossa Democracia é garantir a sua sobrevivência no século XXI.

O SNS não pode encolher, nem afastar-se das pessoas.

Tem de garantir o direito à saúde a todos os portugueses, independentemente da sua condição económica, residência, ideologia, raça ou religião.

Tem de resistir aos terríveis problemas da desertificação e do encerramento desmedido de serviços de proximidade.

A rede de farmácias comunitárias também não pode encolher, nem afastar-se das pessoas.

As farmácias aproximam o SNS dos cidadãos, garantindo o primeiro apoio na doença, acesso seguro aos medicamentos e aconselhamento em saúde.

Com mais de três farmacêuticos por farmácia, a rede portuguesa é uma das cinco melhores do mundo.

As farmácias sempre combinaram inovação tecnológica e inovação em Saúde Pública.

Implementaram programas de Saúde Pública pioneiros no mundo, como o Programa Troca de Seringas.

Alcançaram sempre grandes resultados de satisfação, junto da população em geral e de grupos específicos de cidadãos, como os portadores de VIH-sida ou os doentes com ostomia.

As farmácias garantem a existência, em todo o país, de uma rede de profissionais de saúde qualificados.

Ainda há uma farmácia próxima de cada português, mesmo nas terras onde fechou a extensão do centro de saúde, a escola, o tribunal e outros serviços públicos.

É isso que está em risco.

Neste momento, 675\* farmácias enfrentam processos de penhora e insolvência, o que corresponde a quase 25% da rede.

As farmácias têm prejuízo para garantirem a dispensa de medicamentos comparticipados pelo Estado.

As mais pequenas, que servem populações mais isoladas e envelhecidas, não estão a conseguir sobreviver.

Em 2018, faltaram 64 milhões de embalagens de medicamentos. A austeridade sobre o sector do medicamento não pode ser eterna.

É urgente salvar a rede de farmácias.

É urgente aproveitar a rede de farmácias para garantir serviços de saúde de proximidade a todos os portugueses.

É preciso cumprir o SNS.

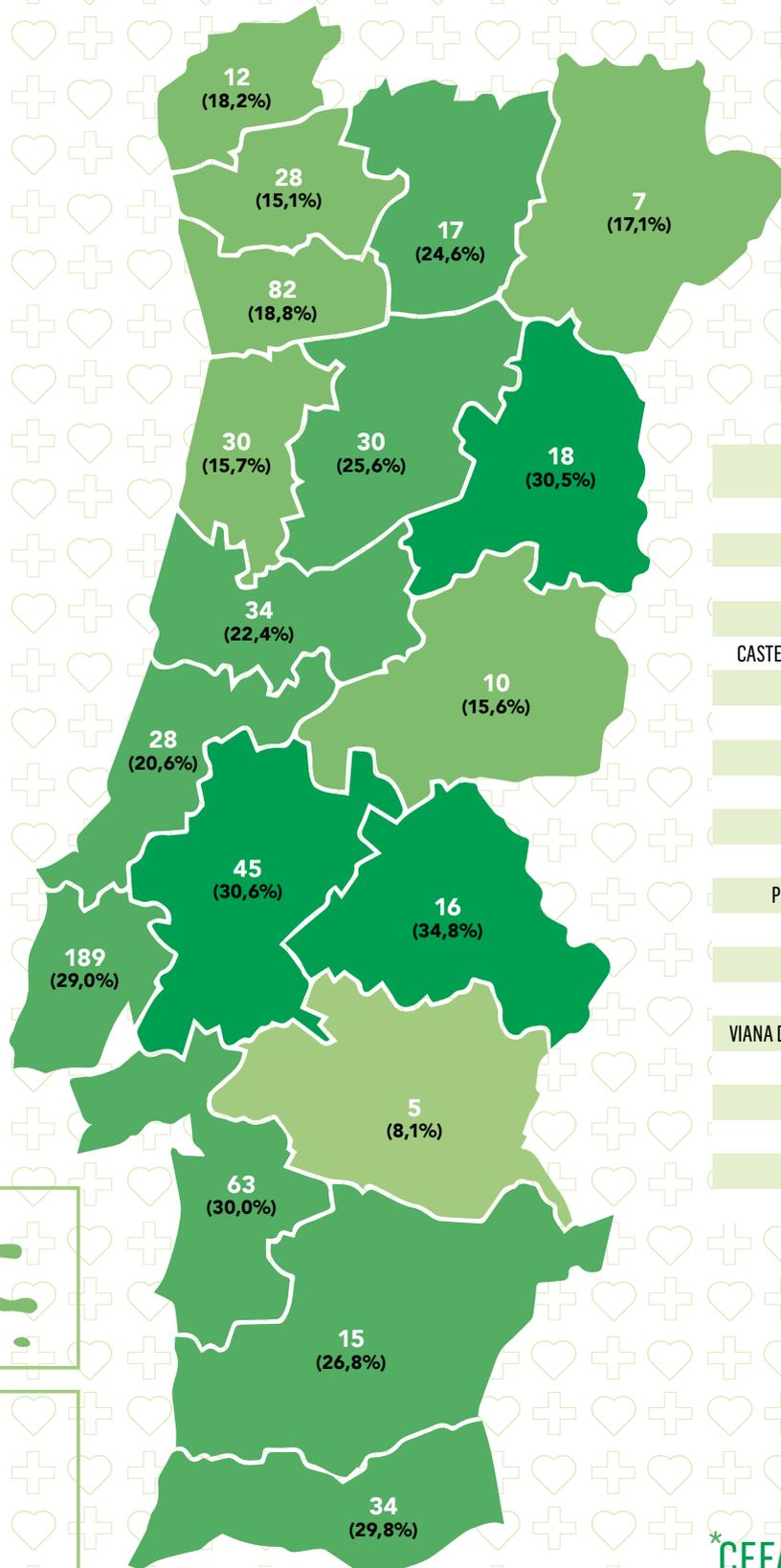
O direito à saúde tem de ser igual em qualquer ponto do território.

Os cidadãos signatários requerem à Assembleia da República que assuma um Programa legislativo com os seguintes objectivos:

1. Garantir a igualdade e a equidade de todos os portugueses no acesso aos medicamentos, indispensável à coesão territorial.
2. Atribuir incentivos e melhores condições de funcionamento às farmácias mais frágeis, evitando o seu encerramento.
3. Proibir a concentração de farmácias e a sua instalação dentro dos hospitais.
4. Combater as falhas de medicamentos, garantindo aos doentes o acesso na farmácia a todos os medicamentos receitados pelos médicos.
5. Promover o uso racional dos medicamentos, proibindo qualquer prática que incentive o seu consumo, como os descontos nos medicamentos com preço fixado pelo Estado.
6. Fixar um critério de remuneração igual para todos os agentes do sector do medicamento, que permita uma remuneração justa e adequada do serviço farmacêutico, sem pôr em causa o processo de consolidação das contas públicas.
7. Aproximar os medicamentos das pessoas, promovendo a dispensa na farmácia de medicamentos oncológicos e para o VIH-sida, a vacinação contra a gripe e outras intervenções em Saúde Pública, com particular atenção aos doentes crónicos.

# FARMÁCIAS EM RISCO\*

TOTAL NACIONAL: 680 (23,3%)



\* CEFAR, FEVEREIRO 2019

# SAÚDE CHAMA PARLAMENTO

TEXTO: CE / RL / SB

*Todo o país quer salvar a rede de farmácias.*

“**S**alvar as Farmácias, Cumprir o SNS” é a maior petição à Assembleia da República desta legislatura. A duas semanas do final da subscrição, soma mais de 100 mil cidadãos aderentes. A petição tem dois objectivos claros: salvar da falência 25% da rede de farmácias e garantir a igualdade do direito à Saúde em qualquer ponto do território.

Neste momento, 680 farmácias enfrentam processos de penhora e de insolvência, mais cinco do que no início do ano, quando foi redigido o documento. «Uma em cada quatro farmácias está em risco de fechar. São as farmácias que muitas vezes estão nas regiões que já são mais desfavorecidas, mais periféricas, em que o acesso aos cuidados de saúde já é mais difícil», alerta Miguel Guimarães, bastonário da Ordem dos Médicos. «O acesso dos doentes aos medicamentos está mais uma vez em risco», declara ainda o representante dos médicos, que foi um dos primeiros subscritores.

Para as ordens profissionais, a crise das farmácias ameaça a Saúde Pública e a coesão territorial. «Sobretudo nas zonas mais rurais, onde encerraram imensos centros de saúde, onde os centros de saúde não têm profissionais, as farmácias são um ponto importantíssimo de prestação

«**E**STÃO EM RISCO AS FARMÁCIAS DAS REGIÕES ONDE O ACESSO À SAÚDE JÁ É DIFÍCIL», ALERTA O BASTONÁRIO DOS MÉDICOS

de cuidados às pessoas e de coesão territorial», afirma a bastonária da Ordem dos Enfermeiros (OE). Ana Rita Cavaco assinou a petição na Farmácia Nova de Famões, Odivelas, que tem uma enfermeira nos seus quadros, como previsto num protocolo celebrado entre a OE e a Associação Nacional das Farmácias (ANF). «Esta farmácia é um exemplo, porque presta cuidados de enfermagem às pessoas, quando muitas vezes o centro de saúde não o consegue fazer», declarou a mandatária dos enfermeiros.

A Ordem dos Médicos Dentistas coincide na necessidade de salvar as farmácias para garantir a igualdade dos



*Maria Helena Pinto, que passa os dias a tricotar na farmácia, entre os bastonários dos médicos e dos farmacêuticos*

portugueses no acesso à saúde. «Assegurar que existem farmácias em todo o país é contribuir para que haja acesso à saúde oral», defende o bastonário, Orlando Monteiro da Silva. O representante dos médicos dentistas subscreveu a petição para «garantir que a rede de farmácias se mantenha próxima das populações, servindo as populações».

A bastonária da Ordem dos Farmacêuticos manifestou aos congéneres a honra e gratidão dos farmacêuticos. «A saúde não se faz exclusivamente nos hospitais. Há uma parte muito importante de prevenção e cuidados de proximidade que as farmácias asseguram, em cooperação com os outros profissionais de saúde», considera Ana Paula Martins. «Queremos que o Governo olhe para o alvará que nos dá e perceba que, mais do que um acordo financeiro, nós pretendemos um acordo profissional, para garantir que os portugueses têm acesso igual ao medicamento e a serviços farmacêuticos em qualquer ponto do território», reivindica a bastonária.

A petição, promovida pela ANF, reuniu assinaturas dos principais representantes do sector do medicamento, como a Associação Portuguesa da Indústria Farmacêutica (Apifarma), a Associação de Distribuidores Farmacêuticos (ADIFA) e a Associação de Farmácias de Portugal (AFP). A presidente da plataforma de associações de doentes “Saúde em Diálogo” participa nos folhetos da campanha

«**ESTA FARMÁCIA PRESTA CUIDADOS DE ENFERMAGEM, QUANDO O CENTRO DE SAÚDE NÃO CONSEGUE**», REALÇA ANA RITA CAVACO

com a frase «As farmácias são amigas das pessoas».

A Confederação do Comércio e Serviços de Portugal (CCP), que representa 100 associações empresariais e mais de 200 mil empresas, aderiu ao movimento para salvar as farmácias. «Um conjunto de serviços tem-se retirado do Interior do país porque trabalha numa lógica de rentabilidade directa, como tribunais, correios e bancos», recorda João Vieira Lopes presidente da CCP. «As farmácias felizmente continuam, mas atravessam grandes dificuldades. É importante manter vivo este canal, porque em muitas localidades não há alternativas para o aconselhamento em saúde a qualquer hora», declarou ainda.

A sustentabilidade económica do investimento em saúde é outro argumento favorável à preservação da rede de farmácias. «Um país civilizado, que quer gerir os custos



*A Ordem dos Enfermeiros assinou um protocolo com a ANF para os enfermeiros prestarem serviços nas farmácias*

em saúde, percebe que há serviços de proximidade que podem fazer um conjunto de actos com toda a qualidade e segurança, de forma expedita e mais barata», defende o presidente do SAMS Quadros, Serviço de Assistência Médico-Social do Sindicato Nacional dos Quadros e Técnicos Bancários. «As farmácias são um factor de coesão territorial e têm um papel imprescindível na prestação de cuidados de saúde primários à população portuguesa», considera ainda Paulo Marcos, que assinou a petição na Farmácia do Largo, em Lisboa. O SAMS dos bancários «está do lado das farmácias porque está do lado de quem está junto dos seus sócios e da população».

Muitas personalidades assinaram a petição. As escritoras Isabel Alçada e Ana Maria Magalhães, os actores

## AS ESCRITORAS ANA MARIA MAGALHÃES E ISABEL ALÇADA DEFENDEM FARMÁCIAS PRÓXIMAS DAS PESSOAS

Eunice Muñoz e Ruy de Carvalho, o maestro Rui Massena, a fadista Cuca Roseta, a piloto campeã do Africa Eco Race, Elizabete Jacinto, e figuras da televisão como Cristina Ferreira, Fátima Lopes, Isabel Silva, João Baião, Júlia Pinheiro, Júlio Magalhães e Tânia Ribas de Oliveira fizeram questão de o tornar público.

«Assinei a petição com muito gosto porque farmácias próximas do local onde se vive são indispensáveis, não só para promover a saúde, como quando nós, os filhos ou os netos ficam doentes», expõe a escritora Ana Maria Magalhães. Na sua mensagem, recorda que as farmácias têm múltiplas funções, do controlo do peso à monitorização da tensão arterial. «É bom que as farmácias sejam próximas, para criarmos uma relação de amizade com as pessoas que ali trabalham e nos atendem no dia-a-dia e, muitas vezes, à noite e nos fins-de-semana», conclui.

Isabel Alçada assina com Ana Maria Magalhães as mais populares colecções de livros para crianças e assina por baixo as palavras dela em defesa das farmácias, porque «são muito importantes na promoção da saúde». A ex-ministra da Educação conta que se habituou a ter uma farmácia perto de casa desde criança. «Os meus pais iam lá muito, muitas vezes só para cumprimentar as pessoas. Quando se cria esta relação de empatia, na proximidade do nosso bairro ou da nossa aldeia, sabemos que o que a pessoa nos diz tem muito mais significado», considera

a escritora. «Devemos mobilizar-nos para proteger a rede de farmácias, porque ela é essencial para o nosso país e para a saúde das pessoas», afirma.

Ruy de Carvalho regressou à sua farmácia de sempre e gravou um vídeo a convidar os portugueses a juntarem-se em defesa das farmácias. «As farmácias salvam as pessoas. Não se esqueçam, é preciso cuidar delas», declarou o actor. Numa declaração sentida, contou que é seguido há mais de 50 anos na Farmácia Marques, em Benfica, que lhe arranja sempre solução para os problemas de saúde. «Quando não a têm, ficam mais preocupados do que eu», expressou Ruy de Carvalho. «Vamos, juntos, garantir que todos os cidadãos, independentemente de onde moram, possam aceder facilmente aos medicamentos», apelou também Paulo Pires, actor de outra geração, nas redes sociais.

A campanha das farmácias deu a conhecer aos portugueses uma nova estrela. Maria Helena Pinto, de 88 anos, passa os seus dias, de segunda a sábado, a tricotar na Farmácia Vitória, do bairro de Campanhã, no Porto. «A farmácia é a minha vida. Gosto mais de estar aqui do que em casa, porque têm mais paciência comigo do que a minha família», declarou à Revista Saúde de Março, da qual é protagonista de capa. Maria Helena tem um vídeo na Internet que atingiu um milhão de visualizações. Os bastonários



«Assegurar que existem farmácias em todo o país é contribuir para que haja acesso à saúde oral», considera Orlando Monteiro da Silva

## «ESTA CAUSA É JUSTA», AFIRMA O BASTONÁRIO DOS MÉDICOS DENTISTAS

dos médicos e farmacêuticos escolheram a “sua” farmácia para assinar a petição. Maria Helena não cabia em si de contente. Recebeu-os aos beijinhos, contou-lhes a sua história e ficou ao centro na fotografia.



«As farmácias salvam as pessoas. Não se esqueçam, é preciso cuidar delas», pede Ruy de Carvalho

# BASTONÁRIA LANÇA APELO URGENTE

**TEXTO:** CARLOS ENES / SÓNIA BALASTEIRO  
**FOTOGRAFIA:** MIGUEL RIBEIRO FERNANDES

**A** bastonária da Ordem dos Farmacêuticos dirigiu ao Governo um «apelo urgente» para um novo acordo com as farmácias. Na visão de Ana Paula Martins, no discurso de tomada de posse para o seu segundo mandato, esse acordo deve «valorizar o acto farmacêutico e o potencial de gerar saúde das farmácias comunitárias». A bastonária considera ainda urgente «remunerar o serviço público que as farmácias prestam 24 horas por dia».

A Ordem dos Farmacêuticos é «frontalmente contra a existência de farmácias de venda ao público nos hospitais». Essas farmácias, cujo enquadramento legal foi revogado por este Governo em 2016, são «mais um factor que prejudica a sustentabilidade da rede que temos, com mais de 650 farmácias em sofrimento e em risco, que servem populações que mais ninguém quer servir». Se os agentes políticos quiserem voltar atrás, «por razões que estão longe de ser transparentes quanto ao interesse público, preferimos que se encontre um modelo em que os serviços farmacêuticos hospitalares forneçam a medicação dos doentes da urgência, para as primeiras 12 horas e, desta forma, não precisaremos de ter farmácias na rede nacional em regime de turno e disponibilidade permanente».

Ana Paula Martins denunciou os riscos para a Saúde Pública das políticas que transformaram os medicamentos em bens de consumo imediato. «Banalizámos a venda dos medicamentos. Estão por todo lado, até já

Ana Paula Martins arrancou para o segundo mandato com um discurso claro



em bombas de gasolina, misturados com tabaco e bebidas alcoólicas. Desvalorizámos os efeitos negativos da sua má utilização e não prevenimos os problemas de segurança que sabemos serem responsáveis por mortalidade evitável», declarou a bastonária. «Desvalorizar o medicamento, quer pela via do acesso que induz procura desnecessária, quer por via dos preços inadequados, promove distorções enormes no sistema que, mesmo com uma regulação reforçada e eficaz, teremos dificuldade em travar», alertou ainda, na cerimónia realizada no dia 14 de Março.

«**É URGENTE  
REMUNERAR  
O SERVIÇO PÚBLICO  
DAS FARMÁCIAS  
24 HORAS POR DIA**»

# MINISTRA QUER «MANTER PARCERIA»

**A** ministra da saúde quer «manter uma parceria» com as farmácias comunitárias, enumerando cinco áreas: prestação de serviços em Saúde Pública, programas integrados com os cuidados de saúde primários, colaboração na avaliação de tecnologias, monitorização da adesão terapêutica e dispensa de medicamentos anteriormente vendidos em ambiente exclusivamente hospitalar.

«A distribuição das farmácias comunitárias por todo o território nacional tem permitido que cada português tenha acesso a cuidados farmacêuticos e a cuidados de saúde de proximidade com elevados níveis de satisfação de todos os utentes», elogiou

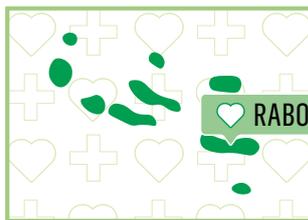
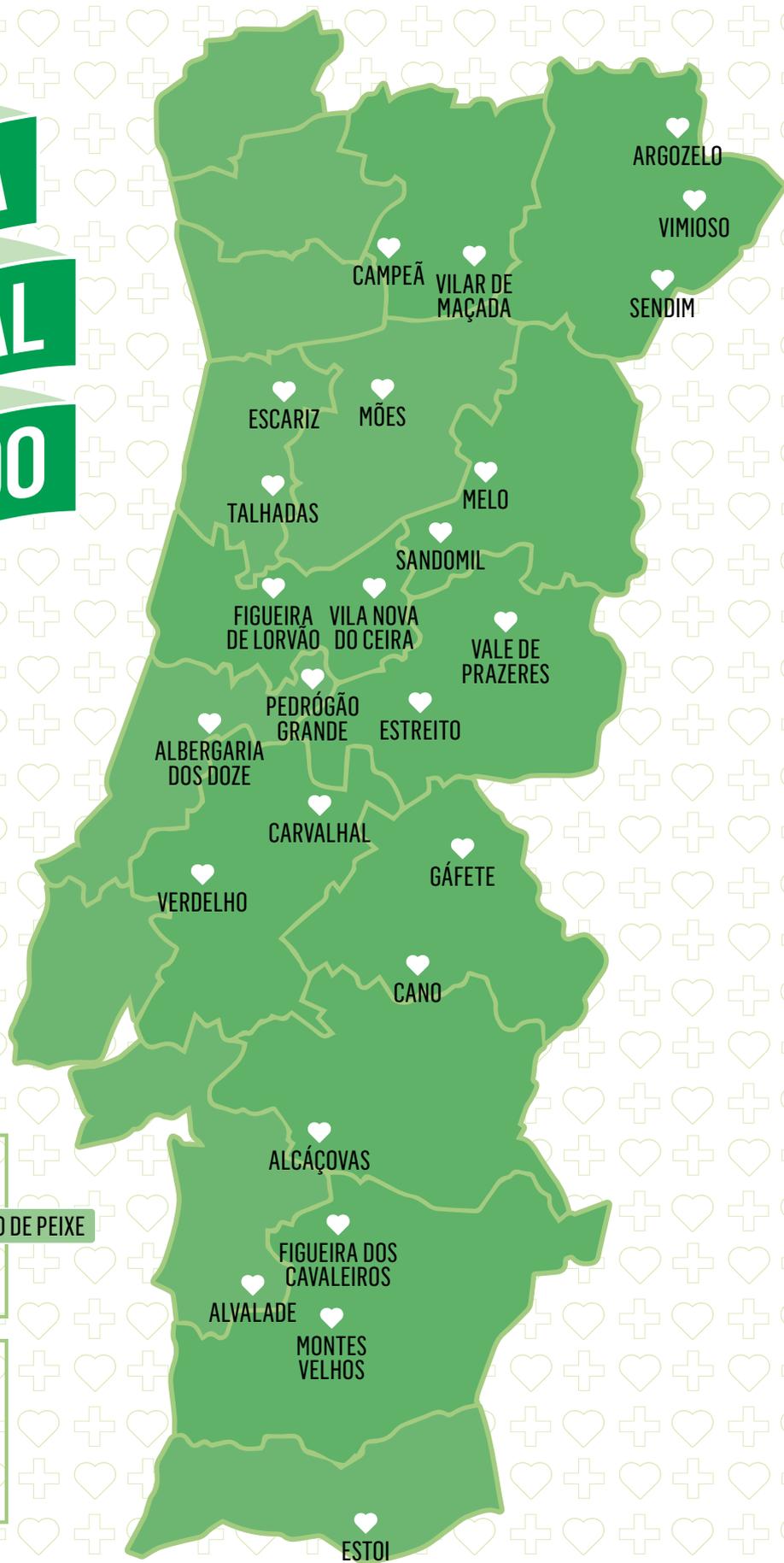
Marta Temido, na tomada de posse da bastonária da Ordem dos Farmacêuticos. A ministra apontou a actividade das farmácias como um «excelente exemplo daquilo que pode ser o papel complementar do sector privado na resposta pública às necessidades de saúde de todos».

A responsável governativa considera que essa complementaridade começou nos anos 90, com o Programa Troca de Seringas. Desde então, «o Estado tem utilizado a extensa rede de farmácias e a sua elevada aceitabilidade junto da população para implementar políticas de saúde de proximidade que pretendem, rápida e efectivamente, chegar aos locais onde as pessoas vivem».

*«A distribuição das farmácias por todo o território tem permitido que cada português tenha acesso a cuidados farmacêuticos e a cuidados de saúde de proximidade, com elevados níveis de satisfação», elogiou Marta Temido*



  
**VOLTA A**  
**PORTUGAL**  
**PROFUNDO**  

# VOLTA A PORTUGAL PROFUNDO

**REPORTAGEM:** CE/ CM/ PV/ RL/ SB/ VP

**N**as próximas férias, imagine-se a dar uma volta a Portugal com paragens obrigatórias em Argozelo, Sendim, Vimioso, Vilar de Maçada, Campeã, Escariz, Talhadas, Sandomil, Melo, Mões, Figueira de Lorvão, Vila Nova do Ceira, Albergaria dos Doze, Pedrógão Grande, Estreito, Vale de Prazeres, Carvalhal, Verdelho, Cano, Gáfete, Alcáçovas, Alvalade, Montes Velhos, Figueira dos Cavaleiros, Estoi, Rabo de Peixe e Curral das Freiras. Das altas montanhas às ilhas, a sua família vai ver burros, falcões, golfinhos e outros animais selvagens, antigos campos agrícolas mascarados de mato, algumas crianças à solta, muitos velhos vestidos como há trinta anos.

Provará bom vinho e comerá manjares de rei em toa-lhas de papel e de plástico: postas de vaca submetida a rigorosa dieta de pasto, sopas com ervas desconhecidas, dezenas de cozidos e quase cem bacalhaus, cracas com sabor a mar. Para ser bem servido, deverá parar, conhecer as pessoas nos olhos, abrir mão de cinco dedos de conversa, falar mirandês, "rapexim" e várias outras línguas e dialectos. Pelo caminho encontrará ingleses, holandeses e imigrantes dos cinco continentes.

Ficará muitas vezes longe de tudo.

Terá sempre uma farmácia perto de si.

Este último facto pode mudar em pouco tempo. Nas próximas páginas, vamos perceber porquê.

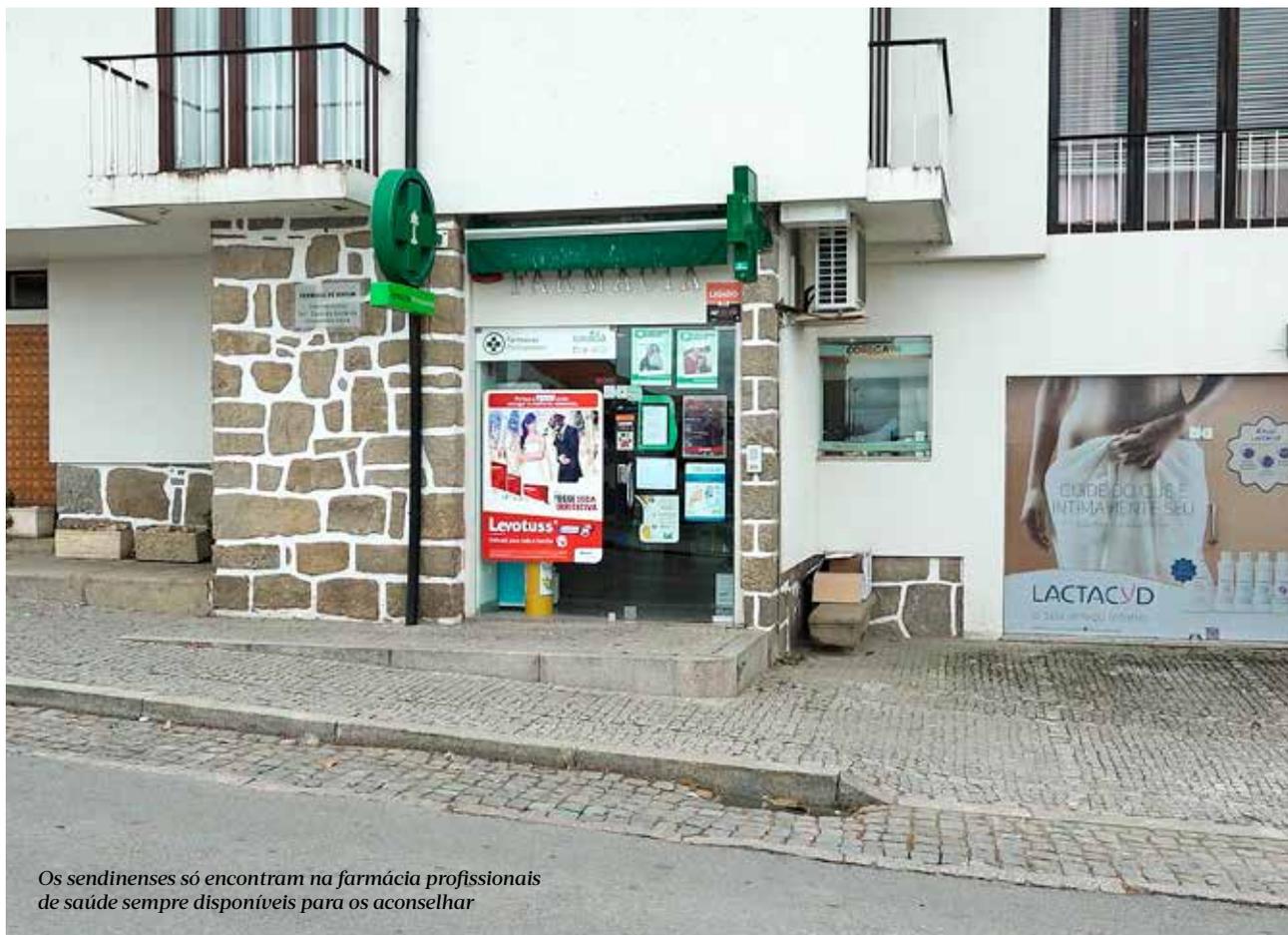
**P**ara lá do Marão, as farmácias são pontos de socorro. Em Argozelo, Bragança, só há médico uma vez por semana. «Antes de irem à urgência, muitas vezes as pessoas vêm aqui. Quando eu posso ajudar, ajudo», relata Maria Julieta, directora-técnica da Farmácia Ferreira.

Maria de Lurdes Albino luta contra o risco de encerramento da Farmácia de Sendim como contra a própria morte. «Pode-me acontecer ter uma crise de diabetes. O que é que têm de fazer os bombeiros? Levar-me daqui a Bragança. São 90 quilómetros. Chegamos a meio do caminho e a Maria de Lurdes Albino foi embora», descreve aos jornalistas.

Em Sendim, a extensão do centro de saúde até está instalada num edifício amplo e moderno. O problema é que as doenças não se tratam com arquitectura. Só lá trabalha um médico, que tem de suprir falhas noutras terras do agrupamento. Atende exclusivamente por marcação, em alguns dias da semana. Não há consultas de urgência. Em caso de doença súbita, as pessoas recorrem à farmácia. «Tem a mais-valia de as pessoas virem a pé, não precisam de estar a chamar o táxi, nem os bombeiros», explica Carlos André, ele próprio bombeiro voluntário.

**A**QUI, O POVO  
É UMA FAMÍLIA  
UNIDA. NO NATAL,  
REÚNE-SE À VOLTA DE  
UMA FOGUEIRA. AGORA,  
ESTÁ A ASSINAR EM  
BLOCO A PETIÇÃO PARA  
SALVAR AS FARMÁCIAS

A farmacêutica da terra é uma sendinense de gema e coração, que nas horas livres se dedica à protecção dos burros autóctones. Fala da falta de médicos e do encerramento de serviços com a amargura de toda a gente que aqui vive. «Os centros de saúde, nestas zonas, não dão resposta às necessidades das pessoas»,



*Os sendinenses só encontram na farmácia profissionais de saúde sempre disponíveis para os aconselhar*

desabafa Cândida Viana.

Aqui, o povo é uma família unida. No Natal, reúne-se à volta de uma fogueira no adro da igreja. Agora, está a assinar em bloco a petição “Salvar as Farmácias, Cumprir o SNS”, que sugere aos deputados o aproveitamento das farmácias para «intervenções em Saúde Pública, com particular atenção aos doentes crónicos». A directora-técnica da Farmácia de Sendim está disponível para desenvolver «valências que resolvam as necessidades das pessoas». Fala com desconfiança, sintoma característico do isolamento, e esperança, o respectivo antídoto.

## • EM CASO DE DOENÇA SÚBITA, AS PESSOAS VÃO À FARMÁCIA. A ALTERNATIVA É CHAMAR OS BOMBEIROS



*A farmacêutica Cândida Viana é uma sendinense de gema e coração, que nas horas livres se dedica à protecção dos burros autóctones*



*«Se fecham a farmácia e me dá uma crise de diabetes?», pergunta Lurdes Albino. E dá uma resposta preocupante*

**M**uitos autarcas subscreveram o documento à Assembleia da República. «Eu espero que toda esta campanha tenha como bom resultado o poder central olhar para este serviço que é prestado pelas farmácias, pelo menos aqui, nestas zonas do Interior, como um efectivo serviço público que é necessário manter», declara Luís Marques, presidente da Câmara Municipal de Gouveia. «Queremos envolver todos para que estas pequenas farmácias sejam mais apoiadas», justifica Aquilino Ginjo, presidente da União de Freguesias de Sendim e Atenor. «Devíamos estar, de facto, em pé de igualdade perante os da cidade. É um pouco difícil, mas termos alguns serviços já seria bom», reivindica Fernando Sousa, presidente da Junta de Freguesia de Vilar de Maçada.

Os idosos com pensões de sobrevivência e sem carro próprio são quem mais sofre com o encerramento de serviços e a respectiva concentração nos pequenos e médios centros urbanos. «Se esta farmácia fechasse era um problema, porque tinha de ir a Vila Real de propósito», desabafa Leónida Rebelo, que vive na Campeã, aldeia entalada entre as serras do Marão e do Alvão. «Não temos transportes públicos praticamente nenhuns. Era muito difícil para os nossos idosos



O presidente da Câmara de Gouveia espera «que o poder central reconheça o serviço público das farmácias»

«**D**EVÍAMOS ESTAR EM PÉ DE IGUALDADE PERANTE OS DA CIDADE», DESABAFAM O PRESIDENTE DA JUNTA DE VILAR DE MAÇADA



No Carvalhal, Abrantes, o povo não quer perder o farmacêutico: «O doutor Rei é quase como um pai para a gente»

deslocarem-se», concorda, ao seu lado, Lúcia Rego.

O ar é puro, mas aqui cada quilómetro é mais demorado. Andamos quarenta para a raia, até Vilar de Maçada, onde temos a sorte de ouvir o problema já traduzido em linguagem económica. «Tinha de pagar a uma pessoa para me ir lá levar. Acha que pagar medicação e transporte dá resultado?», pergunta Cecília Menezes, na Farmácia Nova. Já em Sandomil, mesmo à entrada do Parque Natural da Serra da Estrela, somos novamente recordados do sufoco da

imobilidade por uma utente da Farmácia do Alva. «Se fechasse, para onde é que íamos? São Romão, Oliveira? É muito longe, ainda são uns quilómetros. Daqui para Seia também são uns poucos. Se precisasse de lá ir... era complicado. Não tenho carta, não tenho carro», descreve Conceição Duarte. De Norte a Sul, sempre o mesmo quebra-cabeças, parece uma doença crónica. «Se não fosse esta farmácia tínhamos de ir a Ferreira. Ir para Ferreira buscar medicamentos e depois vir... e nem todas as pessoas têm esse acesso, de ir a Ferreira, porque não têm carro, não têm nada», especifica Joaquim Soares na Farmácia Parreira Cardoso, de Figueira dos Cavaleiros, distrito de Beja.



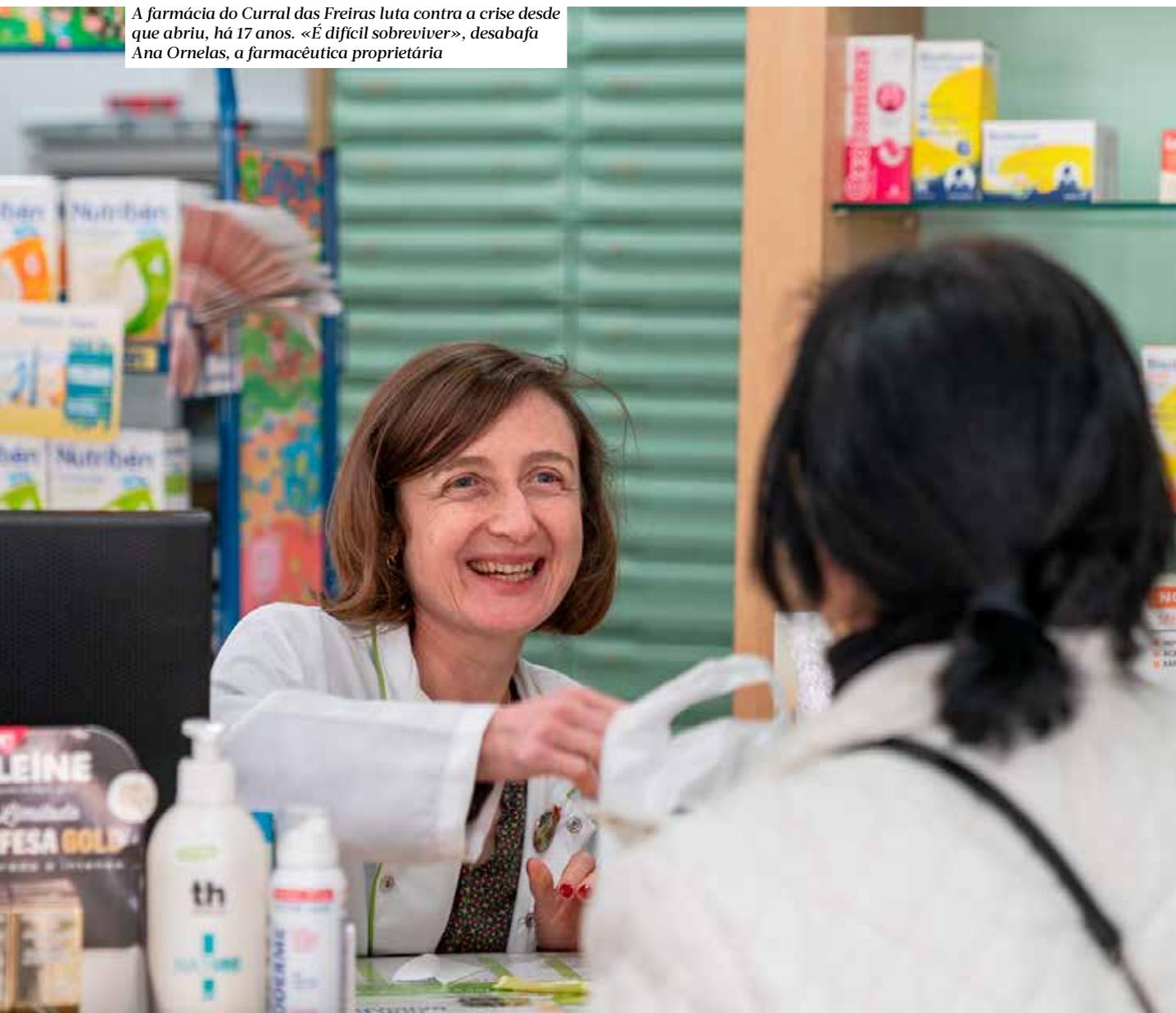
*A farmácia de Figueira de Lorvão dispensa medicamentos a crédito a pensionistas com 200 e 300 euros de reforma*

O Interior, como ensina o sociólogo António Barreto, é um conceito muito relativo. Visto pelo lado dos problemas característicos do despovoamento, estende-se quase até ao litoral e chega a molhar os pés na água do mar. Por exemplo, Escariz, freguesia do concelho de Arouca. Nos últimos censos à população portuguesa, realizados há oito anos, tinha 2.222 habitantes, resultado auspicioso pelos critérios da sabedoria popular. O problema está noutra número, que saiu agora no jornal: Há 30 farmácias em risco no distrito de Aveiro. As pessoas reuniram-se da Farmácia Central para esconjurar qualquer possibilidade de encerramento. «Era um crime isso acontecer», afirma Norvinda Perestrelo, que



*A farmacêutica de Albergaria dos Doze acaba de hipotecar a casa por causa da farmácia*

*A farmácia do Curral das Freiras luta contra a crise desde que abriu, há 17 anos. «É difícil sobreviver», desabafa Ana Ornelas, a farmacêutica proprietária*



tem experiência de direcção numa IPSS local. «Nem quero que me passe tal coisa pela cabeça», concorda a septuagenária Natália Martins. Conta que muitas vezes passa «o dia no centro médico sem arranjar consulta». As pessoas lutam pela farmácia porque lhes oferece «acesso permanente a um primeiro conselho, que funciona», na expressão do arouquense Miguel Valente.

O problema é que 680 farmácias, no Interior geodésico e na periferia económica do litoral, enfrentam processos de insolvência e de penhora. Em muitas outras, farmacêuticos e ajudantes técnicos multiplicam esforços e desdobram os próprios horários de trabalho para não caírem também nos tribunais. «De que me vale ter uma hora de almoço, se é a essa hora que a farmácia tem mais utentes?», pergunta a directora-técnica da Farmácia do

Vale, no Curral das Freiras. Luta contra a crise desde que abriu portas, há 17 anos, numa das freguesias montanhosas mais deprimidas da Madeira. «É difícil sobreviver num contexto destes», adverte Ana Ornelas, farmacêutica com uma vocação de ferro.

Também em Talhadas, concelho de Sever do Vouga,

**OS IDOSOS SEM CARRO  
PRÓPRIO SÃO QUEM  
MAIS SOFRE COM  
O ENCERRAMENTO DE SERVIÇOS**

o proprietário faz muitas contas para manter as portas abertas. «É uma farmácia que se vai mantendo sustentável a muito custo porque serve uma população pequena e de recursos limitados», desabafa Paulo Nogueira, director-técnico da Farmácia União. A freguesia está a perder gente desde os anos sessenta. Cada vez mais jovens têm ido trabalhar para fora. Sem esses casais, nascem menos crianças. Aconteceu o mesmo em Oleiros. «Basta dizer que a escola primária chegou a ter 105 alunos e agora tem 12 ou 13», especifica Maria de Fátima Gonçalves, farmacêutica proprietária na aldeia de Estreito.

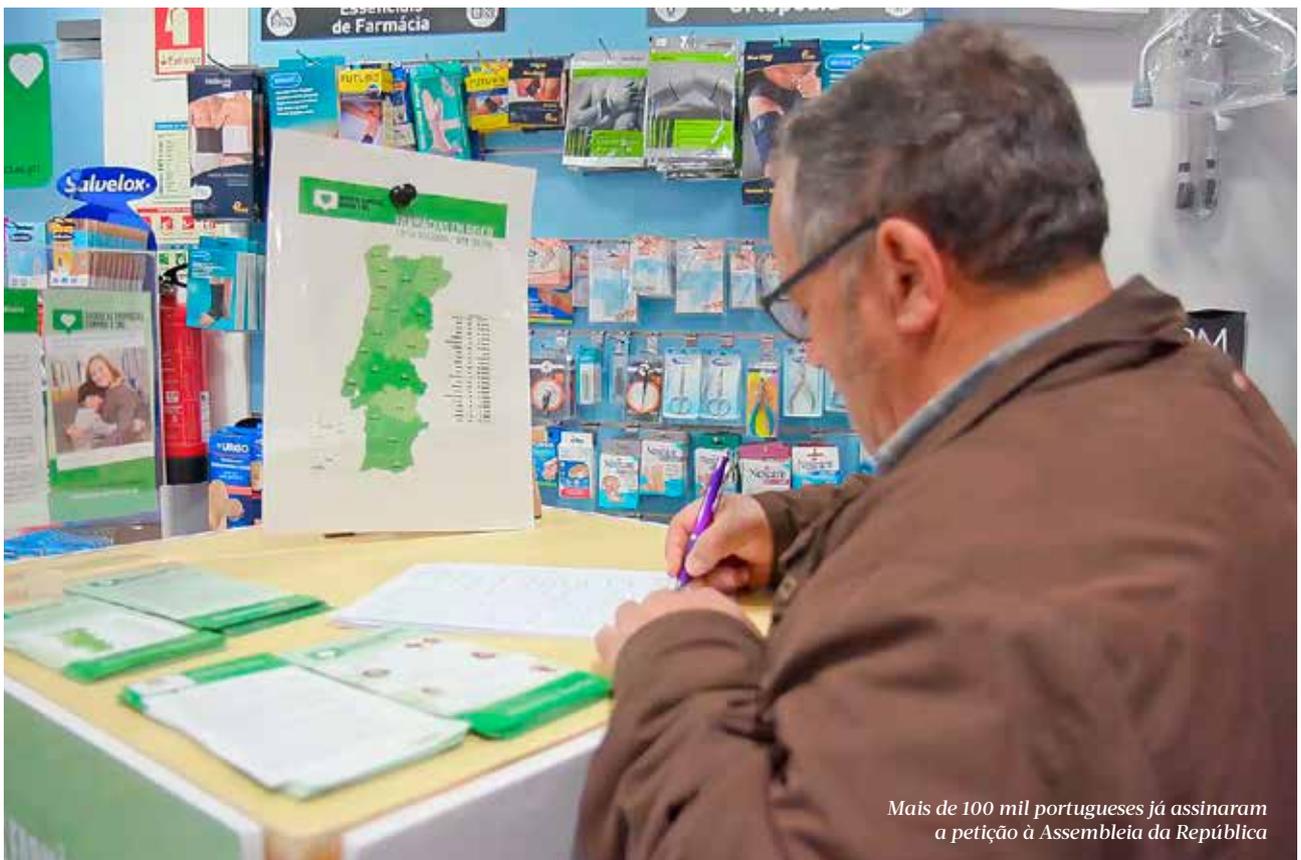
Ficam os reformados, com baixo poder de compra. As farmácias procuram dispensar-lhes os genéricos e os medicamentos mais baratos. Mesmo assim, é custoso para os pensionistas rurais levantarem por completo as prescrições médicas. «Muitos recebem pensões de duzentos e trezentos euros», conta Olinda Marques, directora-técnica da Farmácia Luz Marques. Como em Figueira de Lorvão, Penacova, não há banco, os idosos vão à farmácia trocar os vales de reforma. «Sabemos quando as pessoas não podem pagar e acabamos por dispensar muitas vezes a crédito, porque é uma necessidade», justifica a farmacêutica.

O Estado liberalizou a propriedade das farmácias em 2007. Doze anos depois, muitos farmacêuticos, sobretudo na província, resistem a desligar a realização económica



*O farmacêutico Paulo Nogueira faz muitas contas para manter uma farmácia em Talhadas, Sever do Vouga*

da vocação profissional e do serviço às populações. «Hipotequei a minha casa para meter aqui 100 mil euros. Foi a última coisa que fiz», conta Teresa Guapo, proprietária e directora-técnica da Farmácia Albergariense. É mais um caso em que utentes e farmacêutica comungam do discurso e da resistência. «Numa cidade, se uma farmácia fecha pode não fazer diferença. Mas aqui, fecham-nos o centro de saúde, fecham-nos a farmácia... E a seguir, vamos todos viver para a cidade?», queixa-se uma mãe de família. «Neste momento, estamos sem médico. Temos uma médica que está a 15 quilómetros», denuncia a farmacêutica de Albergaria dos Doze.



*Mais de 100 mil portugueses já assinaram a petição à Assembleia da República*

**D**espovoamento, envelhecimento, pobreza e concentração de serviços jogam todos os dias à sueca. Combinam os truques e ajudam-se uns aos outros até ficarem viciados. O distrito da Guarda começou a perder população nos anos sessenta. Chegou a ter 300 mil habitantes, agora terá metade. O êxodo e o abandono dos campos deixaram o mato levantar cabelo na floresta, com as trágicas consequências conhecidas de todos. Em Melo, a Farmácia Central ardeu por completo no grande incêndio de 15 de Outubro de 2017. No dia seguinte, já estava a dispensar

## DEPOVOAMENTO, ENVELHECIMENTO, POBREZA E CONCENTRAÇÃO DE SERVIÇOS JOGAM À SUECA TODOS OS DIAS

medicamentos na junta de freguesia.

Numa terra assim, a farmácia não pode parar. É indispensável por garantir o acesso seguro ao medicamento, em particular a doentes crónicos e dependentes. Para além disso, na prática, funciona como a porta de entrada



*Arminda Silva quer salvar a farmácia de Pedrógão Grande*

no sistema de saúde que resta aos mais desfavorecidos. «Há pessoas que vêm à farmácia e nos pedem para telefonarmos a marcar meios de diagnóstico, porque não conseguem de todo fazer essas marcações. Somos nós, no dia-a-dia, que vamos fazendo uma triagem do que pode ou não pode acontecer», descreve Isabel Coelho, directora-técnica da Farmácia Central, que investiu tudo em novas instalações. A população retribui a dedicação com assinaturas em massa à petição “Salvar as Farmácias, Cumprir o SNS”. «A farmácia é um bem que temos e queremos salvá-la», declara a utente Rosa Coelho.

Em Pedrógão Grande, o povo une-se em defesa da Farmácia Baeta Rebelo. «Porque é a única e somos muito bem atendidos. Não a levem de cá para fora, senão estamos mal», declara Fantina Lima no dia da sua assinatura. Nas terras marcadas pela tragédia, a



*As farmácias do Interior são a porta de entrada no sistema de saúde que resta aos mais desfavorecidos*



*Em Pedrógão Grande, o povo une-se em defesa da Farmácia Baeta Rebelo*

resistência das farmácias parece assumir um significado especial. «Espero que não feche e que continue com boa-disposição e animação, como tem sido até agora», afirma Arminda Silva. «Já a de Pedrógão Pequeno fechou há uns meses atrás, mas eu sempre usei esta porque a simpatia é muito agradável», testemunha João Silva.

## ! TODOS OS DIAS AS FARMÁCIAS EVITAM CENTENAS DE URGÊNCIAS DESNECESSÁRIAS



*Há farmácias assim em freguesias com 722 habitantes, de acordo com os últimos censos à população*



«Com a desertificação do Interior e os serviços públicos a fechar, as farmácias são o último serviço de confiança de muitas comunidades», afirma Ana Vieira, educadora de infância reformada

**U**ma farmácia é especialmente preciosa nas terras traumatizadas pelo fecho em massa de escolas, correios, bancos e serviços de saúde de proximidade. Em Alcáçovas, a petição para salvar as farmácias mobilizou toda a gente. «As pessoas já sentiram o que foi estarem quase a perder a estação de correios, o que é provavelmente ficarem sem o posto da GNR, o que é não terem um centro de saúde que lhes dê resposta», expõe Sara Grou, directora-técnica da Farmácia da Misericórdia de Alcáçovas.

«Hoje em dia, com a desertificação do Interior e os serviços públicos a fechar, as farmácias mantêm-se como um pólo de confiança da comunidade. São dirigidas por profissionais e amigos que estão junto das comunidades, o que nos dá a segurança de um atendimento personalizado», descreve Ana Vieira. Faz questão de aviar todas as receitas médicas na pequena Farmácia Higiene, do Verdelho, só para ajudar os proprietários a sair da crise. «É fundamental termos um técnico com quem se pode conversar, sobre uma “dorzecca” que apareceu e não justifica uma ida ao médico», explica esta

educadora de infância reformada, numa terra em que o centro de saúde fechou há sete anos. A confiança nos farmacêuticos todos os dias evita centenas de consultas de urgência desnecessárias. «As pessoas sentem-se à vontade. É à farmácia que se dirigem primeiro, antes até de irem ao médico. Vêm aconselhar-se com o farmacêutico, e o farmacêutico depois encaminha-as para o médico se for caso disso», descreve Guiomar Paulo, em Estoi, uma aldeia no coração do Algarve. No Carvalhal, Abrantes, que tem 722 habitantes, passa-se o mesmo. «O doutor Rei é quase como um pai para as pessoas.

«**S** E A FARMÁCIA  
FECHA, O QUE  
SERÁ DE NÓS?»

Quando se vêem em aflições vão quase sempre primeiro a ele», conta Gilberto Martins.

«Agradecia que não fechassem. A farmácia faz aqui muita falta. Muita, muita falta. Onde há quatro, cinco, seis farmácias, nem que feche uma ficam as outras. Agora, esta aqui é uma desgraça se fecha», expressa Maria Lucília Rocha, que assinou a petição na Farmácia Matias Pereira, de Mões, concelho de Castro Daire. «A farmácia dá-nos aqui muito jeito, porque é a única que temos», sublinha Inês Rebelo, utente da Farmácia Matos, de Gáfete, concelho do Crato.

Os doentes crónicos afligem-se particularmente com o encerramento dos serviços de proximidade. «A farmácia aqui é a melhor coisa, realmente», desabafa Maria Lurdes Santos, que tem esclerose múltipla e vive em Vila Nova do Ceira, Góis. «O meu marido é doente crónico há dez anos e esta farmácia sempre me deu um apoio incrível», testemunha Maria Manuela Alvoeiro, também utente da Farmácia Frota Carvalho. A octogenária Mariana Rebelo já teve um acidente vascular cerebral e um episódio agudo de fibrilação auricular. Sofre ainda de glaucoma e de retinopatia, patologias graves que lhe ameaçam a visão. É «raro o dia» em que não vai à Farmácia Mendes Dordio levantar os medicamentos para o coração, controlar a tensão arterial, desabafar e ouvir uma palavra de ânimo. «Mal de mim e pior de muitos se esta farmácia acaba. Mal de mim e dos outros», desabafa, ao seu lado, Mariana Rebelo, outra octogenária dependente desta farmácia de Cano, vila

do concelho de Sousel com quase metade da população acima dos 65 anos. «Ouvi dizer que estas farmácias pequenas iriam acabar. Isso para nós era catastrófico. Não tinha sentido nenhum», adverte Maria Emília Sales, que subscreveu a petição na Farmácia Oliveira, de Montes Velhos, Aljustrel.



«Esta campanha agitou as consciências», considera Gertrudes Santos

**A**té ao dia 15 de Março, mais de cem mil pessoas já tinham assinado a petição. «Esta campanha pôs as pessoas a falar do problema. Aquele cartaz “Já imaginou perder a sua farmácia?” agitou as consciências», discorre Gertrudes dos Santos, directora-técnica da Farmácia Central, em Alvalade, Santiago do Cacém. Uma sua homónima, Gertrudes Prates, deixou aos microfones dos jornalistas a pergunta de todos os subscritores ao Parlamento: «Se a farmácia fecha, o que será de nós?».



No Verdelho, o centro de saúde fechou há sete anos. A farmácia atende a qualquer hora, de segunda a sábado

# ARGOZELO, MEU AMOR

**REPORTAGEM:** VERA PIMENTA  
**FOTOGRAFIA:** PEDRO MARTINS

*Uma terra quase sem médico, quase sem correios, quase sem pessoas. Ao centro, a farmácia.*

**•E**m Argozelo, a melancolia espreita a cada esquina. Entre casas abandonadas e becos que deixam adivinhar prados verdes até se perder de vista, a cruz da Farmácia Ferreira brilha timidamente. Uma utente nos seus 90 anos atravessa a custo a porta do costume, com auxílio da bengala. No saquinho preto gasto traz uns grelos do seu campo para oferecer à farmacêutica Julieta.

«Eu não lhes peço nada», comenta sorridente a directora-técnica de 62 anos, «quando têm umas verduras a mais vêm cá trazer-me». É assim que os utentes lhe agradecem o serviço prestado ao longo destes 32 anos, que vai muito para além da dispensa de medicamentos. A população, maioritariamente pobre e envelhecida, não tem mais ninguém a quem recorrer.

Mas nem sempre foi assim.

O utente Luís Cabral, de 71 anos, guarda com saudade as memórias de outra época. Quando chegou a Argozelo, com uns ternos 18 anos, trazia na mala o sonho de mudar

de vida. O ano era 1966 e, como tantos outros jovens, Luís deixava o conforto da sua terra natal, em Viseu, para se juntar aos cerca de 160 trabalhadores das minas de volfrâmio.

Os tempos eram outros. Na pequena aldeia da freguesia de Vimioso, em Bragança, contavam-se mais de 2.000 habitantes e a economia estava em expansão. Pelas ruas havia pequenos negócios e grandes casas de famílias que ali se instalavam para trabalhar na agricultura, no curtume, na produção de amêndoa ou de cortiça e nas minas.

Porém, em 1985, a exploração de minério terminou. Os trabalhadores foram todos despedidos, à excepção de





uma pequena equipa de manutenção que lá haveria de trabalhar até 1992, altura do fecho definitivo. Desempregados e sem perspectivas de futuro, muitos emigraram e, gradualmente, a aldeia foi perdendo vida.

A farmácia abriu em 1987, num antigo posto de venda de medicamentos. Na altura, apesar de as consequências do encerramento da mina já se notarem, ainda se via jovens. As escolas estavam abertas, havia algum comércio local e o centro de saúde tinha dois médicos, com consultas quatro vezes por semana.

Luís constituiu família e por ali ficou. Em tempos,

«NÓS NÃO  
TEMOS  
MAIS NADA SEM  
SER A FARMÁCIA»



chegou a trabalhar na agricultura. Agora «as pernas e os braços já não querem trabalho». Mas não é disso que se queixa. «Tínhamos o banco, tiraram-nos. Em 2001, a aldeia passou a vila e ainda ficou pior. Queriam fazer isto, queriam fazer aquilo. E em vez de fazer, tiram-nos o que havia». O multibanco lá ficou, embora chegue a estar aos quatro e cinco dias sem dinheiro.

Com o passar dos anos, a população envelhece e o despovoamento aumenta. Mas Julieta Ferreira não se arrepende do dia em que decidiu abrir a farmácia em Argozelo.

«Acho que somos mais úteis aqui do que na cidade», afirma a farmacêutica



«**A** GENTE  
AQUI ESTÁ  
TRISTE. MUITO,  
MUITO TRISTE»

«Acho que somos mais úteis aqui do que na cidade», explica. «Faz-me sentir bem saber que ajudo no que posso», desabafa, «e os utentes agradecem-me, voltando cá.» E mesmo quando vão às urgências à cidade, é ali que levantam os medicamentos.

A viver no andar por cima da farmácia, são muitas as vezes em que a farmacêutica atende os utentes de madrugada. «Um dia destes foi preciso um medicamento às quatro da manhã e a doutora abriu-nos a porta». O antigo carteiro da vila,

Domingos Afonso, vive ali com a esposa e a única filha que ainda não emigrou. «O que temos de melhor é isto», chuta. «Os correios, para bem dizer, já nos tiraram. Se nos tiram a farmácia mais vale irmos para outro lado».

Aos 70 anos, Domingos não tem grandes dúvidas: «O que mais precisamos é de saúde». Porém, para os cerca de 700 habitantes de Argozelo, o acesso à saúde é quase um luxo. O médico de família está de baixa há um mês, por isso qualquer questão que não possa ser resolvida na farmácia exige uma viagem de 15 quilómetros até Vimioso ou do dobro da distância até Bragança. Com apenas dois autocarros por dia e sem veículo próprio, os idosos gastam entre 30 e 40 euros em táxi de cada vez que precisam de se deslocar.

«É mau os poderes centrais não se interessarem mais por estas zonas, principalmente ao nível do centro de saúde e da farmácia, que têm de estar perto da população». O utente Manuel Oliveira fala sem rodeios. E conta que, mesmo antes do médico adoecer, o centro de saúde funcionava apenas um dia por semana. Devido à falta de resposta, o carpinteiro de 50 anos garante que há quem tenha de recorrer a serviços de enfermagem privada para conseguir ser tratado. «Por exemplo, para os meus pais, com 80 anos, se a farmácia fechasse era complicado»,

## COM O BANCO FECHADO, OS CORREIOS A FUNCIONAR A MEIO-TEMPO E O MÉDICO DE FAMÍLIA AUSENTE, A FARMÁCIA É UM PONTO DE APOIO PARA TUDO

argumenta. E remata: «Temos de juntar forças para que isso não aconteça».

Sem médico de família e com os doentes crónicos a precisar da medicação, Julieta Ferreira faz o que pode para zelar pela saúde das pessoas. «Às vezes, empresto

*Luis Cabral conta que, quando o multibanco não funciona, as pessoas têm de ir a Bragança levantar dinheiro*





«Temos de juntar forças para que a farmácia não feche», pede Manuel Oliveira

o medicamento e fico à espera da receita. Se tivessem de o pagar por completo, com certeza iriam interromper o tratamento, porque não teriam dinheiro suficiente». Mas a boa vontade nem sempre basta: «Há muitos medicamentos que faltam. Alguns temos de pedir ao laboratório e nem assim há garantias».

Aos 62 anos, a directora-técnica não pensa muito acerca do futuro. Só sabe que baixar os braços não é opção: «O pior é a falta de medicamentos, o resto vamos controlando». Habituada a gerir a farmácia sozinha, acolheu alguns farmacêuticos em estágio, mas todos optaram por se mudar para a cidade. «Não é fácil fixar as pessoas», lamenta, «a minha filha é farmacêutica e também não quis vir para aqui».

Numa vila em que nascem um ou dois bebés por ano, as dificuldades aumentam dia após dia. Com o banco fechado, os correios a funcionar a meio-tempo e o médico de família ausente, a farmácia é um ponto de apoio para tudo. «Diariamente tenho pessoas a pedir-me para escrever cartas aos familiares, ler a correspondência e as facturas», conta. Como o marido da farmacêutica trabalha em Vimioso, alguns utentes aproveitam a boleia e há até os que pedem para lhes tratar de recados.

«A gente aqui está triste. Muito, muito triste». Leonor

## QUANDO ARGOZELO SUBIU A VILA, FECHARAM SERVIÇOS. NASCEM DOIS BEBÉS POR ANO

Fernandes, de 67 anos, chegou a Argozelo aos 20 e por ali construiu a sua vida. Depois de ter perdido o marido, há dois anos, tomou conta do café que era dos dois. E é atrás do balcão que observa com pesar o isolamento da sua terra, nas ruas em que, a cada dia, passa menos gente.

A farmácia, assegura, é o bem mais precioso dos argozelenses. É lá que Leonor compra os medicamentos, mede a tensão e o colesterol. À hora que precisa, a porta abre-se e os problemas são resolvidos com todo o cuidado. Seja às duas da tarde ou à uma da manhã. «Nós não temos mais nada sem ser a farmácia. Fecha tanta coisa, sabe? Até já nos tiraram o banco. Se nos tiram a farmácia, tiram-nos tudo».



# UMA ALDEIA COM MEDO

**REPORTAGEM:** SANDRA COSTA

**FOTOGRAFIA:** MÁRIO PEREIRA

«**Q**ue nunca acabe esta farmácia, que nunca acabe, faz cá muita falta», exclama José Caria Antunes, a aflição misturada num sorriso travesso.

«Estou doente e venho cá muitas vezes buscar remédios». Aos 89 anos caminha quase dois quilómetros para se abastecer na Farmácia Vale de Prazeres, que serve a aldeia com o mesmo nome há mais de 60 anos.

O antigo padre da freguesia partilha esse sentimento. «Quero cá a farmácia, faz muita falta», declara José Atanásio Mendes. Ao seu lado, Luísa Cardoso, antiga cozinheira de profissão, acena com a cabeça. O restaurante onde trabalhava foi à falência. Quando o pároco foi atacado por uma doença crónica, ela encontrou ocupação a tratar dele. De início, teve medo de não conseguir fazer uma transição tão drástica de ofícios. Foi a farmácia que lhe valeu e a ensinou a ser uma cuidadora segura e competente. «Não sabia nada. Hoje sinto-me completamente apoiada nos cuidados que presto», expõe Luísa Cardoso.

O povo sabe que Vale de Prazeres corre mesmo o risco de ficar sem a sua farmácia. «É uma luta diária», desabafa a farmacêutica Maria João Rodrigues, proprietária



e directora-técnica há 25 anos. Já estive na iminência de fechar a porta e de pedir transferência para outro local. Mas não se revê «no trabalho da cidade». Mora por cima da farmácia. Sempre que é preciso, atende fora do horário e manda entregar os medicamentos à casa das pessoas. Contam com ela para tudo, até para

chamar o INEM quando há uma urgência.

Esse serviço, tão próximo, constante e tão antigo, pode desaparecer de repente. «Se eu vender, o novo proprietário transfere o alvará com certeza. Não tem laços, a população não lhe diz nada, não são 25 anos aqui. Mas será esse o futuro da Farmácia Vale de Prazeres, se



*Vale de Prazeres perdeu muita gente para a cidade e a emigração.  
A farmácia factura menos de metade da média nacional*

# DESCUBRA ALGUNS FATORES QUE PODEM INFLUENCIAR A MATURAÇÃO DO SISTEMA IMUNITÁRIO DO BEBÊ

## A microbiota intestinal e o sistema imunitário

As interações dos microrganismos são fatores importantes na maturação do sistema imunitário, com 70 a 80% das células imunitárias localizadas no intestino.<sup>1</sup> A microbiota intestinal desempenha várias funções importantes, incluindo proteção contra agentes patogênicos, reforço do sistema imunitário e funções metabólicas vitais.<sup>2</sup> A manutenção de um equilíbrio entre a microbiota

intestinal e o sistema imunitário é essencial para a saúde, especialmente em lactentes e nas crianças.<sup>3</sup> Existem fatores de risco, como fatores genéticos, parto por cesariana e a toma de antibióticos que podem causar um desequilíbrio da microbiota intestinal - disbiose - levando a uma resposta imunitária desequilibrada, que tem sido associada ao aumento do risco de desenvolver alergias.<sup>4</sup>

## O impacto da disbiose da microbiota intestinal na saúde e no desenvolvimento de alergias

O intestino de uma criança saudável alimentada com leite materno é tipicamente dominado por bactérias da espécie *Bifidobacterium*. Esta espécie é, primeiramente, transmitida pela mãe durante o parto e através do leite materno.<sup>5,6</sup> Além destas bactérias, o leite materno também contém oligossacáridos não digeríveis, que são rapidamente ingeridos por essas mesmas bifidobactérias.<sup>5,6</sup> Em contraste com este facto, o parto por cesariana, a toma de antibióticos e algumas fórmulas infantis podem levar a uma perda destes microrganismos benéficos e promover uma expansão de patógenos pró-inflamatórios, muitos dos quais são espécies de Proteobactérias ou *Clostridium*, como por exemplo, *C.perfringens* e *C. difficile*.<sup>5,6</sup> Estas alterações resultam numa diminuição da

capacidade metabólica e atividade da microbiota intestinal, podendo ter consequências para a saúde a longo prazo.<sup>7</sup> As alterações da microbiota intestinal nos primeiros meses de vida têm sido associadas a diversas patologias.<sup>8</sup> O **leite materno** é chave no desenvolvimento de uma resposta imunitária saudável, uma vez que treina naturalmente o sistema imunitário através da exposição controlada à proteína através da introdução de proteínas inofensivas, (peptídeos derivados dos alimentos), da modulação da microbiota intestinal através dos oligossacáridos (prebióticos) como substrato seletivo de bactérias benéficas, e bactérias benéficas (probióticos)<sup>15</sup> para interagir com as células imunitárias, por forma a existir um equilíbrio da microbiota intestinal.<sup>11-17</sup>

### EXPOSIÇÃO CONTROLADA À PROTEÍNA

#### Perfil Peptídico único



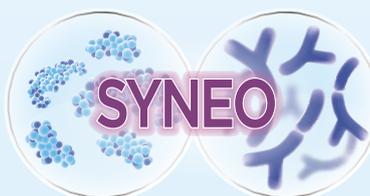
- = Epítipo alergénico
- = Epítipo tolerogénico

- Menor **alergenicidade** <sup>17,18,24</sup>
- Promoção do desenvolvimento natural da **tolerância oral** <sup>19,25,26</sup>

### MODULAÇÃO DA MICROBIOTA INTESTINAL

#### Mistura única de Oligossacáridos scGOS/lcFOS

#### Bactérias benéficas<sup>16</sup> *Bifidobacterium breve*



- **Modulação da microbiota intestinal** tornando-se semelhante à dos bebés amamentados <sup>18,20</sup>
- Estabelece condições fisiológicas adequadas para o desenvolvimento da **tolerância oral** <sup>18,30-32</sup>
- Consistência suave das fezes e mais **semelhante à dos bebés amamentados** <sup>24</sup>

**NOVO**

**APTAMIL  
PROSYNEO HA**

Descubra o que pode fazer para ajudar a treinar o sistema imunitário do bebé<sup>11-23</sup>



Material exclusivamente destinado a Profissional de Saúde: não se destina à distribuição ao público em geral.

**NOTA IMPORTANTE:** O leite materno é a nutrição ideal para o lactante, com todos benefícios para o melhor início de vida. É importante que na gravidez e durante o aleitamento materno, o/a Profissional de Saúde recomende que a alimentação da Mãe se baseie numa dieta sã e equilibrada. A Mãe deve ser informada e aconselhada sobre o facto de a combinação do leite materno com a alimentação por biberão, durante as primeiras semanas de vida, poder reduzir a produção do leite materno e sobre a dificuldade de voltar atrás na decisão de não amamentar. As implicações financeiras e sociais de utilizar um leite para lactantes devem sempre ser consideradas. Caso o/a Profissional de Saúde recomende uma fórmula para lactentes, devem ser seguidas as instruções de utilização dadas pelo fabricante, pois a sua incorreta utilização pode colocar em risco a saúde do lactante. No caso da impossibilidade do aleitamento materno, deve ser consultado o/a Profissional de Saúde para a melhor opção de alimentação do lactante.

**Bibliografia:** 1. Vighi G, et al. Allergy and the gastrointestinal system. *Clinical and Experimental Immunology*, 153 (Suplemento 1): 3-6. 2. O'Hara A, Shanahan F. The gut flora as a forgotten organ. *EMBO relatórios*, Vol. 7, Nº 7, 2006. 3. Andrew J, Gary H. The microbiome and regulation of mucosal immunity. *John Wiley & Sons Ltd, Immunology* 2013; 142:24-31. 2015. 4. Prescott SL. Early-life environmental determinants of allergic disease and the wider pandemic of inflammatory noncommunicable diseases. *Journal of Allergy and Clinical Immunology* 2013;131(1):23. 5. Jeurink, et al. 2012. *Beneficial Microbes* 4 (1): 17-30. 6. Backhed F, et al. *Cell Host Microbe* 2015; 17(5): 690-703. 7. Petersen C, Round L. Defining dysbiosis and its influence on host immunity and disease. *Cellular Microbiology* 2014; 16(7): 1024-1033. 8. Carding S, et al. Dysbiosis of the gut microbiota in disease. *Microbial Ecology in Health & Disease* 2015; 26: 26191. 9. Azad M, et al. Infant gut microbiota and food sensitization: associations in the first year of life. *Clinical & Experimental Allergy*; 45: 632-643. 10. Kirjavainen P, et al. Aberrant composition of gut microbiota of allergic infants: a target of bifidobacterial therapy at weaning? *Gut* 2002; 51:51-55. 11. Walker A. *J Pediatr*. 2010;156:53-57. 12. Michaelsen, KF. *Gesundheitswesen*, 2008;70(Suppl 1):S20-21. 13. Jeurink PV, et al. *Crit Ver Food Sci Nutr*. 2018. 14. Walker WA, et al. *Pediatr Res*. 2015;77(1-2):220-8. 15. Bergmann H, et al. *British J Nutr*. 2014;112:1119-28. 16. Van Esch B. *Tox Lett*. 2013; 220:95-102. 17. Hunt KM, et al. *PLoS One* 6, e21313. 18. Chin Chua M, et al. *JPGN*. 2017;65:102-6. 19. Boyle R et al. *Allergy* 2016;71:701-10. 20. Boyle R, et al. *Clin Transl Allergy*. 2015;5(5):P30. 21. Tang et al. *EACJ* 2017. 22. Schouten B, et al. *J Nutr*. 2009;139:1398-403. 23. Kim J, et al. *Pediatr Allergy Immunol*. 2011 Nov;22(7):715. 24. Van Esch B. *PAI*. 2010;21:e780-e786. 25. Van Esch B. *PAI*. 2011;22:820-826. 26. Van Esch B. *PharmaNutrition*. 2017;5:1-7. 27. Billeaud et al. *Eur J Clin Nutr*. 1990 Aug;44(8):577-83. 28. Tolia et al. *JPGN*. 1992 Oct;15(3):297-301. 29. Mihatsch et al. *Acta Paediatr*. 2001 Feb;90(2):196-8. 30. Van der Aa LB, et al. *Clin Exp Allergy*. 2010;40:795-804. 31. Van der Aa LB, et al. *Allergy*. 2011;66:170-7. 32. De Kivit, et al. *J Leukoc Biol*. 2017 Jul;102(1):105-15.



«Se não forem tomadas medidas, a farmácia vai mesmo ter de fechar», lamenta Maria João Rodrigues

## ! SERIA TRAUMÁTICO PARA AS PESSOAS PERDEREM A FARMACÊUTICA QUE CUIDA DELAS HÁ 25 ANOS

não forem tomadas medidas», avisa a farmacêutica.

Um futuro sem farmácia preocupa Lurdes Sequeira, Ana dos Santos Rodrigues e Maria da Conceição Caria, todas moradoras na aldeia ou nas proximidades. Não estão a ver como poderiam deslocar-se a Alpedrinha, a cinco quilómetros, ou ao Fundão, a 12, sempre que precisassem de um medicamento.

Antigamente, muitas crianças começavam a trabalhar no campo com seis e sete anos. Não chegavam a conhecer a escola. Hoje, são idosos analfabetos. O Presidente da Assembleia de Freguesia traduz em palavras o sentimento que muitos não sabem expressar. «Toda a vida da aldeia passa pela farmácia, é um dos pontos mais importantes na vida da comunidade», explica José Branco. Mais do que à farmácia, a grande ligação é à farmacêutica. Ao fim de 25 anos de cuidados, seria traumático para muitos ficar sem Maria João Rodrigues. «É a pessoa a quem o povo recorre quando está numa aflição. Não seria o mesmo se tivéssemos aqui um dispensador de medicamentos», considera o autarca.

As dificuldades arrastam-se há 15 anos. Maria João tinha acabado de contrair um empréstimo bancário avultado para abrir as instalações actuais da farmácia. Primeiro veio a liberalização da venda de medicamentos não sujeitos a receita médica (MNSRM), depois os cortes nos preços e nas margens. «Vi-me numa situação muito delicada», conta a farmacêutica. Mudou a residência da Covilhã para Vale de Prazeres para poupar nas deslocações. Apertou o cinto. Aprendeu a «viver um dia de cada vez».

Desde então, «a farmácia está sempre a respirar pela palhinha». Há meses em que é muito complicado fazer face a todas as despesas. A Farmácia de Vale de Prazeres factura menos de metade de uma farmácia média nacional. Desde que abriu portas, a população diminuiu

«Toda a vida da aldeia passa pela farmácia», explica o presidente da Assembleia de Freguesia



*A farmacêutica e a directora da Liga dos Servos de Jesus aproveitam as sobras de medicamentos para ajudar os mais pobres*



## ! TODA A FAMÍLIA TRABALHA PARA MANTER A FARMÁCIA ABERTA

na mesma proporção. Hoje, serve 1.700 pessoas, na sua maioria idosos, de uma freguesia que se estende ao longo de 23 quilómetros. Vende muito pouco para além do receituário médico. Tem de se concentrar nos genéricos e nos medicamentos de preço mais baixo, que não dão grandes margens. «Se eu vendesse as marcas mais caras, as pessoas acabavam por não fazer a terapêutica indicada pelo médico», explica a farmacêutica.

Maria João dispensa muitos medicamentos a fiado, embora saiba bem que não é a melhor estratégia para a sustentabilidade da farmácia. Muitas vezes, os utentes não têm receita porque não conseguiram consulta médica atempada. Ela não tem coragem de cobrar a parte comparticipada pelo Estado, até chegar a receita. «Uma farmácia aqui não é como nos grandes centros urbanos. É difícil dizer a uma pessoa que tem 200 euros de reforma que vai pagar 55 euros por um antidiabético oral. Ficamos nós à espera que a receita venha»,

desabafa a directora-técnica. Claro que dispensa medicamentos a crédito às pessoas com pensões agrícolas e de sobrevivência, idosas e com muitas patologias. «Se não o fizesse, deixavam de tomar os medicamentos, não tinham outra solução. Sem tudo o que filtramos e minimizamos na farmácia, aumentariam as urgências nos hospitais», recorda.

A equipa da farmácia é a farmacêutica directora e dois ajudantes técnicos. Chega a trabalhar 11 ou 12 horas por dia. Faz voluntariado em instituições de cariz social



# «SE A FARMÁCIA FECHAR, NÓS VAMOS ATRÁS»

*Farmácia garante assistência a 26 idosos isolados.*

**N**a aldeia de Orca, a menos de 10 quilómetros de Vale de Prazeres, encontramos a Liga dos Servos de Jesus. Apoia 26 idosos, entre o centro de dia e o serviço de cuidados domiciliários. Muitos deles enfrentam sozinhos a última etapa da vida. «Os nossos idosos são muito dependentes das funcionárias, das irmãs. As famílias vêm pouco, outros não têm quase família», explica a Irmã Maria Emília Galante, responsável da instituição.

A religiosa e a farmacêutica desenvolveram há muitos anos uma parceria estratégica. «Eu tinha pouco, a farmácia tinha pouco, começámos a ajudar-nos mutuamente», explica a Irmã Emília. Criaram entre elas um curioso sistema de partilha de fármacos. Se a Farmácia Vale de Prazeres recebe sobras de medicamentos da parte dos respectivos utentes, Maria João Rodrigues verifica o prazo de validade e a integridade das formas farmacêuticas. Como apoia a Irmã na planificação da medicação individual dos utentes, sabe logo quais as

cápsulas e os comprimidos que lhes podem ser úteis e encaminha-os para a instituição religiosa. Maria Emília, a pensar nos mais carenciados da aldeia, faz o mesmo. A farmácia não aumenta as receitas, mas ganha a confiança dos utentes e ajuda os mais carenciados a ter acesso à saúde. «Se pudermos aliviar os idosos com esta partilha, ganhamos todos, até o Estado, pois evita-se o desperdício», considera a farmacêutica.

Une-as um relacionamento afectivo, muito além do comercial. Já por duas vezes Maria Emília recebeu propostas de «farmácias da cidade», com descontos no preço de venda ao público. Recusou-as liminarmente, porque sente a obrigação de lutar pela sobrevivência da Farmácia Vale de Prazeres. «Os que estão perto de casa é que nos socorrem nas aflições», justifica Maria Emília. «Quero preservar a farmácia porque seria o caos termos de andar a caminho do Fundão para comprar a medicação para 26 idosos. Se a farmácia fechar, acho que vamos atrás», explica a freira.

SC / SB / PV



e religioso. Prepara a medicação semanal dos idosos, para que não haja enganar nas tomas. É a forma de retribuir a quem escolhe os serviços da farmácia. «Muitas farmácias oferecem descontos, eu ofereço o meu trabalho e tempo. Não posso dar outra coisa», refere a farmacêutica. Toda a família trabalha para manter a farmácia aberta. O pai ajuda com as entregas ao domicílio. O marido faz alguns empréstimos à farmácia para superar os piores momentos de falta de liquidez. Os quatro filhos, já crescidos, habituaram-se a ver a profissão da mãe como um calvário. «Nenhum quer ser farmacêutico!», ri-se Maria João.

A crescente comunidade estrangeira é uma lufada de ar fresco na aldeia. Ingleses e holandeses são uma esperança para a sustentabilidade da farmácia, assim como os reformados que regressaram das grandes cidades. Não compram medicamentos noutro lado, «valorizam os laços». A população luta pela sobrevivência da farmácia.

A petição “Salvar as Farmácias, Cumprir o SNS” ajudou a aumentar a consciência sobre as dificuldades. De início, algumas pessoas achavam que a farmacêutica

## A FARMACÊUTICA VEIO VIVER PARA A ALDEIA, PARA POUPAR DINHEIRO EM VIAGENS

era “queixinhas” por falar da crise, até porque as farmácias tinham fama de “dar mundos e fundos”. Com o passar do tempo, o problema foi-se tornando evidente. «Esta campanha veio dar força às minhas palavras dos últimos anos», refere Maria João Rodrigues. Com a visita do presidente da Associação Nacional das Farmácias e as notícias que saíram no Jornal do Fundão, «agora são elas que me perguntam se vou conseguir aguentar esta fase mais complicada».

# AZEVEDOS Genéricos



***Há mais de dois séculos, o seu parceiro na vida.***

Cada vez mais doentes e Profissionais de Saúde confiam nos Genéricos Azevedos

***OBRIGADO!***  
***POR CONFIAR NA NOSSA EXPERIÊNCIA***

# A MULHER SEM ESPINHAS

**REPORTAGEM:** CARLOS ENES

**FOTOGRAFIA:** PEDRO LOUREIRO

*Como uma farmacêutica investiu e vai tornar a investir na vila mais pobre dos Açores.*

**N**o Snack Bar Canadiano, monumento de homenagem à terra mítica para gerações de emigrantes, a televisão fica ligada das seis da manhã à meia-noite, assim como a bisca, o dominó e a palraria em meias-palavras característica do dialecto oficial de Rabo de Peixe.

– *Mêm de veras, ma quéis burre!*

O estabelecimento vende “minies”, gelados Kalise e mata-bichos. Nas paredes, forradas a lotarias e raspadinhas, salta à vista um poster dos Modern Talking. Os fatinhos brancos dos dois cantores alemães resistem sem um vinco desde os tempos heróicos em que Maria Filomena Ponte se encheu de coragem e comprou

a farmácia da frente, do outro lado da estrada. Aos 27 anos, a farmacêutica era uma rapariga solteira e muito morena, mal regressada da aventura em Lisboa para tirar o curso.

– *A minha mãe apanhou um desgosto.*

Aquele não era – Santo Deus, não poderia ser – o lugar sonhado por Inês da Estrela para a sua única filha mulher. Rabo de Peixe era notícia quando havia uma apreensão de droga, a polícia mandava toda a gente parar e soprar no balão, ou a CEE punha cá fora a estatística das regiões mais pobres da Europa. Esse embaraçoso campeonato deu à terra muitos títulos nos jornais.







A má fama inspira-se como o cheiro pútrido a isco e a lixo a céu aberto do porto de mar. Com o seu olfacto nervoso, a comunicação social decompôs os factos, expirou estigmas e espirrou preconceitos, para desgosto e censura de António Pedro da Costa, antigo presidente da Câmara da Ribeira Grande, sede do município.

– *Rabo de Peixe é uma terra de gente maltratada e mal retratada.*

O retrato verdadeiro é a cores. Um “rapexim” autêntico

nasce e vive na ilha de São Miguel, mas com a fé na festa e a chinela a fugir para o carnaval de um puro terceirense.

– *Entra a música!*

As duas filarmónicas e os dois ranchos folclóricos nativos disputam audiências nas festas do Espírito Santo. A grande competição é entre os “balhos” dos “homens da terra” e dos “homens do mar”. São dois grupos de homens que se distinguem pelos trajes de trabalho e representam na folia as duas comunidades ancestrais



da freguesia. Cantam, dançam e largam assim a desfilar, muito alegres e desembaraçados, com animadas castanholas atadas às mãos.

Dantes, a metade de cima, dos proprietários rurais, nunca caía daí abaixo. Por uma lei não escrita, os casamentos entre jovens das duas comunidades eram proibidos. Amores, só impossíveis. O 25 de Abril e a televisão mudaram costumes, contratos e destinos. Hoje, os pescadores até já podem ser mordomos do Espírito Santo,

## EM RABO DE PEIXE, O PRIMEIRO DESAFIO DA FARMACÊUTICA FOI O PLANEAMENTO FAMILIAR

quanto mais casar com as raparigas da terra.

A alegria anda à solta como as crianças. A Ribeira Grande é o concelho mais jovem de Portugal. Nos últimos censos, realizados em 2011, metade da população tinha menos de 25 anos. O planeamento familiar foi o primeiro grande desafio de Filomena Ponte. Mal tomou conta da farmácia, em 1988, entraram-lhe pela porta magotes de adolescentes grávidas e de raparigas na casa dos vinte e poucos anos já com um rancho de filhos.

– *Ó doutora, sou eu atoleimada em ir para o quinto, se minha mãe me deu nove irmãos?*

Famílias com dez e até 15 filhos eram tão naturais como o mar ficar “rófe” no Inverno, atirando os homens para os cafés e o prejuízo. As crianças cresciam na rua. Antes dos 15 anos, um terço abandonava a escola. Para muita gente, a vida era trocar alianças e fazer filhos. As habitações do bairro piscatório abarrotavam de casais de várias gerações. Os governos regionais respondiam com bairros sociais e casas de quatro assoalhadas de chave na mão, mas pareciam sempre atrasados em relação às vagas imparáveis da natalidade.

Nos primeiros anos, a farmacêutica de Rabo de Peixe foi sugada até à espinha. Trabalhava 12 horas por dia. Para a auxiliar, só tinha uma técnica com registo de prática. De segunda a sexta-feira, ficava ao balcão até às dez, 11 da noite, à espera da última consulta de um médico particular vizinho. Depois de fechar a porta, no caminho para casa, ainda entregava medicamentos ao domicílio. Para não a deixar sozinha, a mãe passou muitos serões na farmácia.

– *Eu tinha de assumir o compromisso perante a população.*

Dionísio Marques, 76 anos, recorda-se de lhe levarem os medicamentos a casa. Era «médico de carros», careira que lhe deu especial sensibilidade ao profissionalismo em saúde. Antes de andar emigrado pelo Canadá,

tinha a sua oficina de bate-chapas ao lado da farmácia. A equipa cresceu, tem agora dois farmacêuticos e quatro ajudantes técnicos. Todos ainda o recebem com um «sorriso de orelha a orelha». Na hora de gozar a reforma, o dermatologista de automóveis comprou um andar nas Calhetas, mas continua a vir à Farmácia Borges da Ponte aviar as receitas médicas.

– *A minha ligação à farmácia é familiar. Tenho amizade, amizade entre aspas, pela doutora.*

Filomena teve de enfrentar o destino para conquistar o respeito de todos e fazer amigos atrás de amigos ao balcão. Ali pelo terceiro ano de curso, começou a acordar com dores cada vez mais insuportáveis nas articulações. O corpo não queria andar, parece que não lhe obedecia. Fez exames, foi ao médico, sentou-se e ouviu de punhos cerrados um diagnóstico para toda a vida.

– *A menina tem artrite reumatóide.*

Aos 22 anos, a doença crónica forjou uma mulher de mãos à obra. Maria Filomena respondeu à rigidez muscular com uma ideia ainda mais fixa: acabar o curso. Contrariava as dores com uma vontade de ferro e a inflamação das articulações com saís de ouro importados da Alemanha. Fechava-se dias em casa, a estudar para os exames. Quando chegava o dia, se não era capaz de se arrastar

# A OS 27 ANOS, A OBSESSÃO DE FILOMENA ERA VIABILIZAR UMA FARMÁCIA COMUNITÁRIA NA TERRA MAIS POBRE DOS AÇORES

até à paragem do autocarro, ia de táxi para a Faculdade de Farmácia de Lisboa.

Terminou o curso em 1986. O esforço foi recompensado com estágios topo de gama, na Farmácia das Fontainhas, de João Cordeiro, e nos serviços farmacêuticos do Hospital Militar. Um estágio complementar, coordenado por Aranda da Silva e Aloísio Marques Leal, professores de referência, levou-a a percorrer vários hospitais e a tratar por tu as melhores práticas da profissão. Quando

regressou a São Miguel, foi contratada pelo hospital de Ponta Delgada e para dar aulas de Farmacologia na Escola Superior de Enfermagem da Universidade dos Açores. Havia falta de farmacêuticos, ainda para mais com a preparação dela. Nos primeiros cinco anos em Rabo de Peixe, acumulou os três empregos.

– *Para comprar a farmácia, fiquei com uma dívida ao banco para honrar.*

Aos 27 anos, a nova obsessão de Maria Filomena era viabilizar o investimento numa farmácia comunitária na terra mais pobre dos Açores. Em Rabo de Peixe, ainda hoje quase ninguém compra nada para além dos medicamentos receitados pelos médicos e comparticipados pelo Governo Regional. Naquele tempo, antes do rendimento mínimo, a miséria era pior. Para aliviar o sofrimento dos clientes de todas as idades, era preciso dispensar fiado



«Tenho amizade, amizade entre aspas, pela doutora», diz Dionísio Marques, "médico de carros" reformado



«A farmácia é um pilar da Saúde Pública»,  
afirma António Pedro da Costa, antigo  
presidente da Câmara da Ribeira Grande



A clientela do Snack Bar Canadiano guardava  
as costas da farmacêutica nas noites de serviço

e muitas vezes a fundo perdido.

– *As pessoas que trabalham na farmácia são muito “sociais”.*

A descrição é de José Domingos Machado, 85 anos. Tinha 22 quando emigrou para o Canadá. Trabalhou duro nas minas do urânio, venceu a fome e perigos maiores nesta vida. Voltou às origens «por amor à camisola». E «por amor à camisola» foi presidente da Casa do Povo durante 40 anos. Montou três creches, um centro de saúde e o lar de idosos onde agora vive.

– *Atendem tão bem os velhos como os novos, sempre com língua doce.*

O que custava mais à farmacêutica não eram as noites ao balcão, mas as tardes de sábado. As amigas iam para a praia e apareciam bronzeadas, saíam para a borga e voltavam com romances na ponta da língua. Ela ficava a dispensar medicamentos e a aconselhar as raparigas de Rabo de Peixe a cuidar dos filhos.

– *Foi uma prisão. Chorei muitas vezes de raiva de estar ali fechada!*

A farmácia é contemporânea da sida. Numa terra com todos os grupos de risco, era preciso combater o medo e deitar mãos à obra. Em Maio de 1995, Odette Ferreira

## NUMA TERRA COM TODOS OS GRUPOS DE RISCO, QUANDO APARECEU A SIDA FOI PRECISO DEITAR MÃOS À OBRA

e Filomena Ponte foram à Escola Secundária de Rabo de Peixe prevenir a juventude para o perigo. Como no Casal Ventoso, o Programa Troca de Seringas funcionava com uma unidade móvel.

A farmacêutica nunca teve medo. Sentiu-se bem recebida e até acarinhada desde o primeiro dia. Quando um viciado em cocaína ou heroína se aproximava da farmácia à procura de dinheiro fácil, os clientes do café Canadiano atravessavam a estrada e clareavam as ideias ao intruso.

– *Pelo'ê! Pega drê!*

Desaparecia, desaparecia, ai dele se não percebesse a mensagem. Durante quatro anos, a Farmácia Borges da



*As crianças já se aguentam na escola, aprendem música, nadam e jogam futebol nos clubes do bairro. Rabo de Peixe é a vila mais jovem de Portugal*



Ponte administrou metadona de substituição, a pedido da associação ARRISCA, que distribui as seringas e se dedica à recuperação dos toxicodependentes. Vacinação, nutrição, colesterol, glicémia, protecção solar de uma população muito exposta ao cancro da pele. Em Rabo de Peixe, há serviços farmacêuticos como na Avenida de Roma, com colaboração de enfermeira e nutricionista.

*– A farmácia é um pilar da Saúde Pública.*

António Pedro acredita no futuro. Se há mais de três mil munícipes da Ribeira Grande a viver do rendimento social de inserção, há dez anos eram o dobro. Uma em cada quatro crianças ainda é beneficiária, mas já quase todas se aguentam na escola, aprendem música, nadam e jogam futebol nos clubes do bairro.

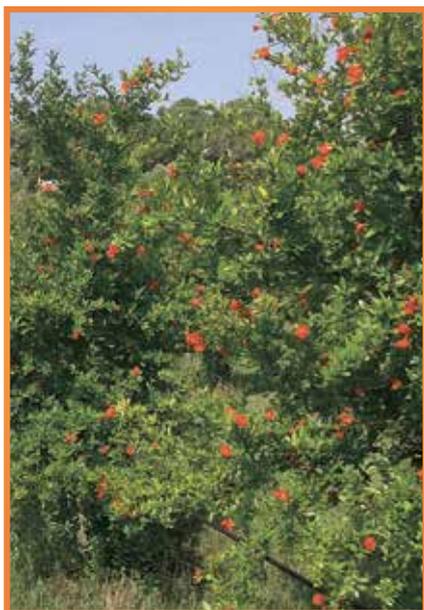
O peixe dá ao rabo e Filomena Ponte é a prova disso. Vai investir numa farmácia nova, com estacionamento, “farmadrive” e vários gabinetes, para consultas farmacêuticas e outros serviços. Está muito mal-enganado quem imaginar a farmácia de Rabo de Peixe fora da água.

*– Fizemos a nossa casa definitiva aqui e é aqui que vamos ficar. A farmácia é como se fosse a minha filha mais velha. E a minha casa é em Rabo de Peixe, sem dúvida nenhuma.*

«**A** FARMÁCIA  
É A MINHA  
TERCEIRA FILHA.  
É AQUI QUE VAMOS  
FICAR»

# Weleda, a marca mundial nº1 em Cosmética Natural e Bio

Uma aposta segura:  
**crescemos +20%\* em Farmácia**



Qualidade máxima  
100% natural e mais  
de 80% BIO.



Sustentabilidade,  
comércio justo e proteção  
do meio ambiente.



Intercâmbio,  
entreeajuda, honestidade  
e transparência.



**WELEDA**

Desde 1921

- ▶ mais de 95 anos de experiência
- ▶ presente em mais de 50 países
- ▶ certificada pelo selo NaTrue
- ▶ apoio ao sell out
- ▶ investimento crescente em comunicação

Visite o nosso stand na  
Health for Beauty

# Dos pés à cabeça, cuidados 100% naturais para toda a família



Ingredientes naturais e BIO 100% certificados pelo NaTrue, cuidam da pele da futura mamã, do bebé e de toda a família.

## ► Cuidados Mamã e Bebê

### ► Cuidado Facial



### ► Cuidado Bucodental



### ► Cuidado Corporal



### ► Desodorizantes



É agora que a sua Farmácia vai apostar na Cosmética autenticamente Natural?

# FARMÁCIAS AUMENTAM COBERTURA VACINAL

**REPORTAGEM:** IRINA FERNANDES/ MARIA JORGE COSTA  
**FOTOGRAFIA:** PEDRO LOUREIRO

**C**om a colaboração inédita das farmácias, a cobertura vacinal dos idosos contra a gripe aumentou 31,8 por cento nos concelhos de Loures e Odivelas. Nesta época vacinal, até 31 de Dezembro, o Serviço Nacional de Saúde vacinou 40 mil pessoas maiores de 64 anos nos dois concelhos, mais dez mil do que no ano passado.

«Os resultados demonstram que a adesão dos idosos a este projecto-piloto foi positiva e que as respostas de proximidade fazem a diferença no acesso aos cuidados», comentou Luís Pisco, presidente da Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo (ARSLVT), que promoveu o projecto-piloto em parceria com as farmácias do concelho.

Pela primeira vez, os idosos puderam vacinar-se sem receita médica nas farmácias, em condições de igualdade com os centros de saúde. As farmácias recorreram ao stock de vacinas do SNS, fornecido pela ARSLVT para o projeto-piloto, não cobrando nada pela administração.





«Este projecto-piloto deveria ser alargado, dá provas disso. Os números mostram um ganho grande ao nível de Saúde Pública», considera Ileine Lopes, directora executiva do Agrupamento de Centros de Saúde (ACES) Loures-Odivelas. «Nem sempre as pessoas têm disponibilidade de ir ao Centro de Saúde. Terem a oportunidade de se vacinar numa farmácia veio facilitar a vida a todos», expõe a médica especialista em Medicina Geral e Familiar.

Todos os anos morrem, em média, 2.400 portugueses devido à gripe e a doenças desencadeadas por ela. O vírus é especialmente perigoso para a população mais vulnerável: idosos e doentes crónicos. A doença afecta dez por cento da população, causando um milhão de dias de baixa por ano.



«Este projecto-piloto deveria ser alargado», considera a médica que dirige os centros de saúde locais

A Fundação Portuguesa do Pulmão (FPP) saúda os resultados do projecto-piloto «na diminuição de gastos em Saúde Pública, pneumonia e mortalidade» associada à gripe. «Conseguiu-se um aumento de cobertura vacinal e isso é muito bom. Este projecto-piloto fez-nos pensar fora da caixa: não é preciso reunir uma

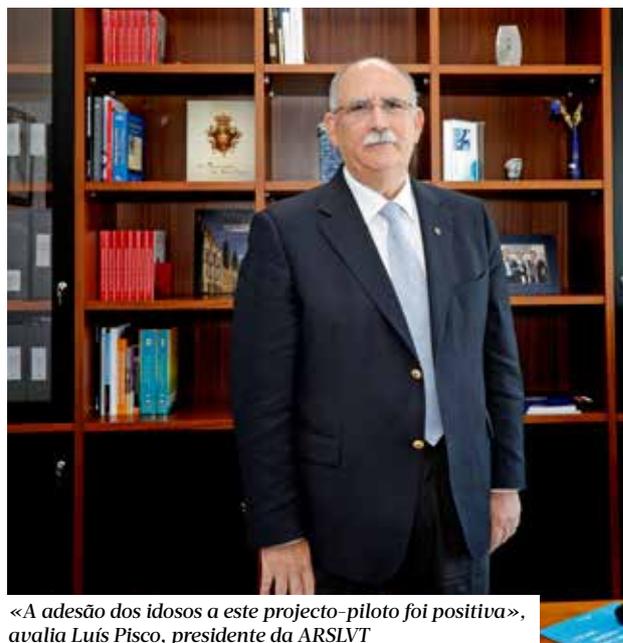
**T**ODOS OS ANOS  
MORREM MILHARES  
DE PORTUGUESES  
DEVIDO À GRIPE



Com as farmácias «diminuíram custos, pneumonia e mortalidade», elogia o pneumologista José Alves

série de circunstâncias, como receita médica. Basta ir à farmácia, onde se vai todos os dias, e toma-se a vacina», afirma José Alves, pneumologista e presidente da FPP.

Entre as farmácias participantes predomina a sensação de dever cumprido. «Evitámos que os nossos idosos recorressem às urgências dos hospitais ou contrássem complicações como pneumonias», refere Carlota Lino, directora-técnica da Farmácia Santo António. «Graças a esta iniciativa, a população teve perto de 50 postos de vacinação abertos, sem necessidade de marcação. É uma conquista, sobretudo da população», acrescenta André Soares, porta-voz da Farmácia Ribeiro Soares.



«A adesão dos idosos a este projecto-piloto foi positiva», avalia Luís Pisco, presidente da ARSLVT

# MEDICAMENTOS AGORA!



Tudo em sua casa  
como na farmácia



LOURES  
TEM SAÚDE



## LOURES COM MEDICAMENTOS EM CASA

Os 206 mil habitantes do concelho de Loures já podem receber em casa medicamentos e quaisquer outros produtos de farmácia. O novo serviço, que arrancou no dia 12 de Março, está em fase de projecto-piloto, antes de ser alargado a todo o território nacional. As encomendas são realizadas através de um número telefónico gratuito, disponível 24 horas por

dia, 365 dias por ano. A central telefónica, com supervisão farmacêutica permanente, informa os utentes sobre quais as farmácias com os medicamentos disponíveis no imediato. Os utentes escolhem a farmácia e decidem se preferem deslocar-se até ela ou receber os produtos em casa, no prazo de duas horas. As entregas domiciliárias são gratuitas nesta fase experimental do projecto.

# Copiador

*Livro de Registos da Farmácia Portuguesa*

*Compilados por Nuno Esteves*



## **Programa Abem angariou 47.500 euros no Natal**

A campanha “Dê Troco a Quem Precisa” recolheu 65.894 donativos junto dos utentes das farmácias, angariando 47.479 euros. Este valor permite alargar o Programa Abem: Rede Solidária do Medicamento a mais 474 beneficiários, que passam a usufruir, sem custos, dos medicamentos de que necessitam. A iniciativa decorreu em mais de 600 farmácias espalhadas pelo país, em que os utentes foram convidados a acertar o troco das compras.

*17 a 25 de  
Dezembro*



## **Infarmed distingue projectos das farmácias**

A Terapêutica Anti-retrovírica (TARV), o Serviço Nacional de Assistência Farmacêutica (SAFE) e a Via Verde do Medicamento foram os projectos da Associação Nacional das Farmácias (ANF) que receberam os Prémios de Boas Práticas hoje atribuídos pela Autoridade Nacional do Medicamento (Infarmed). A colaboração das farmácias «é indispensável» em projectos que promovam a aproximação dos cuidados de saúde às pessoas, afirmou o secretário de Estado Adjunto e da Saúde, Francisco Ramos, na comemoração do 26.º aniversário do regulador.

*15 de Janeiro,  
Lisboa*



## **Carlos Silveira em livro**

A vida e a obra de Carlos Fernando Costa da Silveira, bastonário entre 1989 e 1995, foram recordadas pela Ordem dos Farmacêuticos (OF) e pela Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa (FFULisboa). Na sessão, foi apresentado o livro “Carlos Silveira”, o primeiro da colecção “Farmacêuticos”, da responsabilidade da OF e do Museu da Farmácia, e descerrada uma placa que dá o nome do antigo bastonário ao edifício do Centro de Patogénese Molecular da FFULisboa. Carlos Silveira foi fundamental na reorganização da Farmácia Hospitalar e na transformação do Sindicato Nacional dos Farmacêuticos em Ordem profissional.

*23 de Janeiro,  
Lisboa*



## **NATO faz donativo ao Programa Abem**

O Programa Abem: Rede Solidária do Medicamento foi contemplado com um donativo de 10 mil euros do NATO Charity Bazaar, entidade sem fins lucrativos constituída pela comunidade do pessoal militar da NATO. Maria de Belém Roseira, fundadora da Associação Dignidade, sublinhou a «ajuda expressiva do donativo» e enalteceu a generosidade do pessoal militar da NATO, que permite estender o apoio no acesso ao medicamento a mais 100 carenciados.

*29 de Janeiro,  
Bruxelas*



## Farmácias e DECO promovem direitos na saúde

A Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor (DECO) lançou hoje uma campanha com o objectivo de esclarecer dúvidas e promover a participação com conhecimento no sector da saúde. Esta parceria com a Associação Nacional das Farmácias (ANF) e a Associação Nacional das Unidades de Saúde Familiar (USF-AN) é dirigida a todos os cidadãos, com especial atenção aos grupos com menos acesso à informação. O site da campanha desenvolve em vídeo os serviços do SNS, das unidades de saúde familiar (USF), dos hospitais, da Rede Nacional de Cuidados Continuados Integrados, e os direitos de quem recorre a esses serviços.

11 de Fevereiro



## 1.354 farmácias com formação FIT

Iniciou-se hoje a componente presencial do programa de formação FIT, da Escola de Pós-graduação em Saúde e Gestão, da ANF, a decorrer mensalmente em Castelo Branco, Coimbra, Lisboa, Porto, Vilamoura e nas ilhas. No total, o FIT conta com 7 mil participantes de 1.354 farmácias, sendo que os inscritos provenientes de outras cidades usufruem de transferes gratuitos, com vista a facilitar a formação das equipas das farmácias. A participação presencial nestas sessões - nas áreas Comportamental, Eficiência Operacional, Técnico-Científica e Tecnológica - obriga a aprovação prévia na componente teórica disponibilizada online.

19 de Fevereiro,  
Porto



## ANF no Health Cluster Portugal

A Direcção do Health Cluster Portugal - Associação do Pólo de Competitividade da Saúde (HCP) aprovou hoje a proposta de candidatura submetida pela Associação Nacional das Farmácias (ANF), que assim adquiriu o estatuto de associado. A adesão da ANF coloca as farmácias mais próximas das instituições académicas, indústrias e entidades de relevo no sector da Saúde, potenciando a cooperação interprofissional e intersectorial.

20 de Fevereiro,  
Maia



## Portugueses doaram 14.500 medicamentos

A XI Jornada de Recolha de Medicamentos, que decorreu em 205 farmácias do continente e dos Açores, permitiu angariar 14.500 medicamentos. Os destinatários são as pessoas apoiadas por mais de 100 instituições de solidariedade, que forneceram previamente a lista das suas necessidades nesta área. Desde 2008, foram doados 111.500 produtos através desta iniciativa do Banco Farmacêutico.

23 de Fevereiro



## Petição: primeiras assinaturas entregues

A Associação Nacional das Farmácias (ANF) entregou as primeiras 56 mil assinaturas da Petição "Salvar as Farmácias, Cumprir o SNS". «Esta adesão, só nas primeiras duas semanas, mostra como é importante para os portugueses saber como vamos proteger as farmácias, em particular no Interior», declarou o presidente da ANF, Paulo Cleto Duarte. A deputada Teresa Caeiro, vice-presidente da Assembleia da República, manifestou à delegação da ANF agrado pelo facto de as farmácias terem escolhido este órgão de soberania para fazer esse debate. A recolha de assinaturas continua até ao final do mês de Março.

1 de Março,  
Assembleia  
da República,  
Lisboa

Queira acompanhar estes e outros acontecimentos da Farmácia Portuguesa em: [www.revistasauda.pt](http://www.revistasauda.pt)

A Prof.<sup>a</sup> Odette Ferreira teve uma carreira académica brilhante, destacando-se por defender sempre de forma persistente e combativa, a sua Faculdade de Farmácia (FFULisboa): na luta pelo ensino moderno e exigente; pela valorização e afirmação da profissão farmacêutica; no apoio sempre presente aos alunos; no desenvolvimento científico da FFULisboa no campo da investigação, dotando-a de laboratórios bem equipados; e pela formação de profissionais capacitados a nível internacional.

Foi a força motriz para se obter os apoios necessários junto da CEE para as obras do Laboratório de Biologia Molecular e do Centro de Patogénese Molecular.

Prof. Odette Ferreira had a brilliant academic career and stood out due to her persistent, combative ways of advocating for Faculdade de Farmácia (FFULisboa): when fighting for modern, more demanding education; for the valorisation and affirmation of the pharmacist profession; for the support to her students; for scientific development of FFULisboa in the field of research, providing it with well-equipped laboratories and for the training of internationally qualified professionals.

She was the driving force behind the supports provided by the EEC for the works executed in the Molecular Biology Laboratory and Molecular Pathogenesis Centre.



1. Prémio de Excelência Académica, 1971
2. Prémio de Excelência Académica, 1971
3. Prémio de Excelência Académica, 1971
4. Prémio de Excelência Académica, 1971
5. Prémio de Excelência Académica, 1971
6. Prémio de Excelência Académica, 1971
7. Prémio de Excelência Académica, 1971
8. Prémio de Excelência Académica, 1971
9. Prémio de Excelência Académica, 1971
10. Prémio de Excelência Académica, 1971
11. Prémio de Excelência Académica, 1971
12. Prémio de Excelência Académica, 1971
13. Prémio de Excelência Académica, 1971
14. Prémio de Excelência Académica, 1971
15. Prémio de Excelência Académica, 1971

Casaco  
Confeccionado para a Prof.<sup>a</sup> Odette Ferreira para o trabalho de investigação científica na área de patogenicidade molecular, para Paris.



# A SEGUNDA VIDA DE ODETTE

**REPORTAGEM:**  
SANDRA COSTA

**FOTOGRAFIA:**  
MIGUEL RIBEIRO FERNANDES E PEDRO LOUREIRO

**O** casaco de fazenda verde com grandes botões dourados, logo à entrada, evoca a presença de Odette Ferreira. O corpo pequeno, quase frágil, a contrastar com o estilo seguro da mulher consciente do impacto que causava nos outros. É uma das peças «mais marcantes e emblemáticas» da exposição com que o Museu da Farmácia homenageia a farmacêutica, diz a curadora Paula Basso.

A história deste casaco prova o carácter corajoso, arrojado e destemido da farmacêutica e cientista. Odette Ferreira usou-o na sua célebre viagem a Paris em Setembro de 1985. Os bolsos fundos permitiram-lhe

transportar discretamente tubos com sangue contaminado com o vírus da sida, pela primeira vez isolado em Portugal. Aconchegou-os ao corpo para manter os 37° necessários à estabilidade das amostras. A investigação que desenvolveu no Instituto Pasteur culminou na identificação de um novo tipo de vírus da sida, o VIH-2. Odette Ferreira colocou Portugal no mapa da investigação científica sobre o vírus que atemorizou o mundo nos anos 80.

A exposição “Odette Ferreira - Construir Futuros” apresenta pela primeira vez ao público o diário científico da investigadora. As páginas manuscritas revelam os passos da análise laboratorial que realizou no Instituto Pasteur, entre os dias 16 e 26 de Setembro. «O valor científico e afectivo é incalculável. Ali ela registou, dia-a-dia, o processo científico que levou à descoberta do VIH-2», nota o director do museu, João Neto.

A vida longa e preenchida de Odette Ferreira, falecida aos 93 anos, é desvendada nas suas várias facetas.

Está lá a cientista, a farmacêutica e a professora universitária. No diário; nos tubos rotulados com as estirpes das bactérias que deram origem ao doutoramento



«Odette Ferreira  
está mais viva  
do que nunca»  
Marcelo Rebelo  
de Sousa,

*Presidente da República*



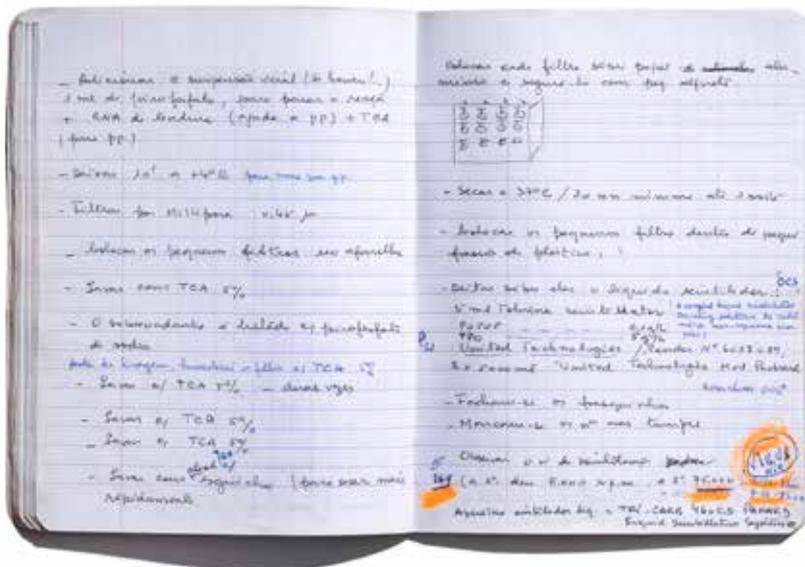
«Mesmo nos momentos mais solitários da sua investigação, Odette Ferreira estava a pensar, sentir e a trabalhar para os outros», afirma Marcelo Rebelo de Sousa

sobre infeções hospitalares; e no microscópio de fluorescência, seu instrumento de trabalho durante muitos anos na Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa.

Está lá também a mulher. Nos objectos pessoais,



«Esta exposição faz perdurar no tempo a vida dela ao serviço da pátria» Ana Paula Martins, *bastonária da Ordem dos Farmacêuticos*



como o relógio ou a coleira do cão e amigo Afonso; nas fotografias em formato digital; nos testemunhos em vídeo dos outros e nas citações que revelam a forma como olhava o mundo. «Avanço sempre, sem temer arriscar, menos ainda perder». Este ensinamento marcou para sempre quem com ela conviveu. Os visitantes da exposição, convidados a deixar no fim um comentário escrito,



«Assumo a determinação de concretizar o sonho da Professora Odette

Ferreira, de as farmácias serem os primeiros centros de cuidados primários de saúde» Paulo Cleto Duarte, *presidente da Associação Nacional das Farmácias*

expressam o mesmo sentimento: “Não desistir”, “Continuar sempre”, “Ir mais longe”.

Está lá a figura pública, reconhecida no país e internacionalmente, nas muitas insígnias que recebeu ao longo da vida. Também está lá a activista dos direitos humanos. Entre 1993 e 2000, Odette Ferreira saiu muitas vezes do seu gabinete de presidente da Comissão Nacional de Luta Contra a Sida. Visitou toxicódependentes e prostitutas, alertando-os para a necessidade



de trocarem seringas e usarem preservativo para se protegerem da doença. Insurgiu-se contra a «estupidez do medo». Não hesitou em abraçar e beijar seropositivos, mesmo quando foi ela própria ostracizada: chegaram a querer afastá-la do Ensino.

Esta fase de luta pela dignidade humana, quando combateu o contágio pelo vírus e os preconceitos, está patente nos primeiros cartazes informativos sobre o VIH, produzidos pela CNLCS, ou no primeiro kit utilizado nas farmácias para o Programa Troca de Seringas, a partir de 1993, que permitiu salvar milhares de vidas. Uma faca, um garfo, um chuveiro e medicamentos simbolizam o apoio recebido pelos portadores de VIH-sida sem apoio familiar, através do projecto Casa Amarela, que a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa criou em 1989 e Odette Ferreira apoiou sem reservas.

«Era uma pessoa de afectos e sempre lutou contra os estigmas que a sociedade colocou nas pessoas infectadas pelo vírus», nota João Neto. A sua atitude contrastava com a da generalidade da sociedade portuguesa à época, desinformada e aterrorizada pelo medo de uma doença desconhecida.

A exposição permite aos visitantes sentir a marginalização a que eram sujeitos os doentes seropositivos. «Nem beijos, nem abraços, nem apertos de mão» e «Também se pode morrer de solidão» são frases desse tempo, recordadas por escrito ou em voz alta. «As pessoas tinham a ideia de que o vírus da sida se transmitia como se fosse a gripe. A professora explicou desde o início que isso era um erro e combateu veementemente a ideia de que os seropositivos não podiam ser tocados», recorda Paula Basso.

Odette Ferreira doou em vida o seu espólio ao Museu da Farmácia. Esta exposição, de resto, começou a ser programada com o seu conhecimento e colaboração. «Fico satisfeito se, ao perguntarmos a qualquer pessoa se sabe quem foi a professora e o que fez por todos nós, a resposta for *sim*», afirma João Neto, reconhecido.

O Presidente da República



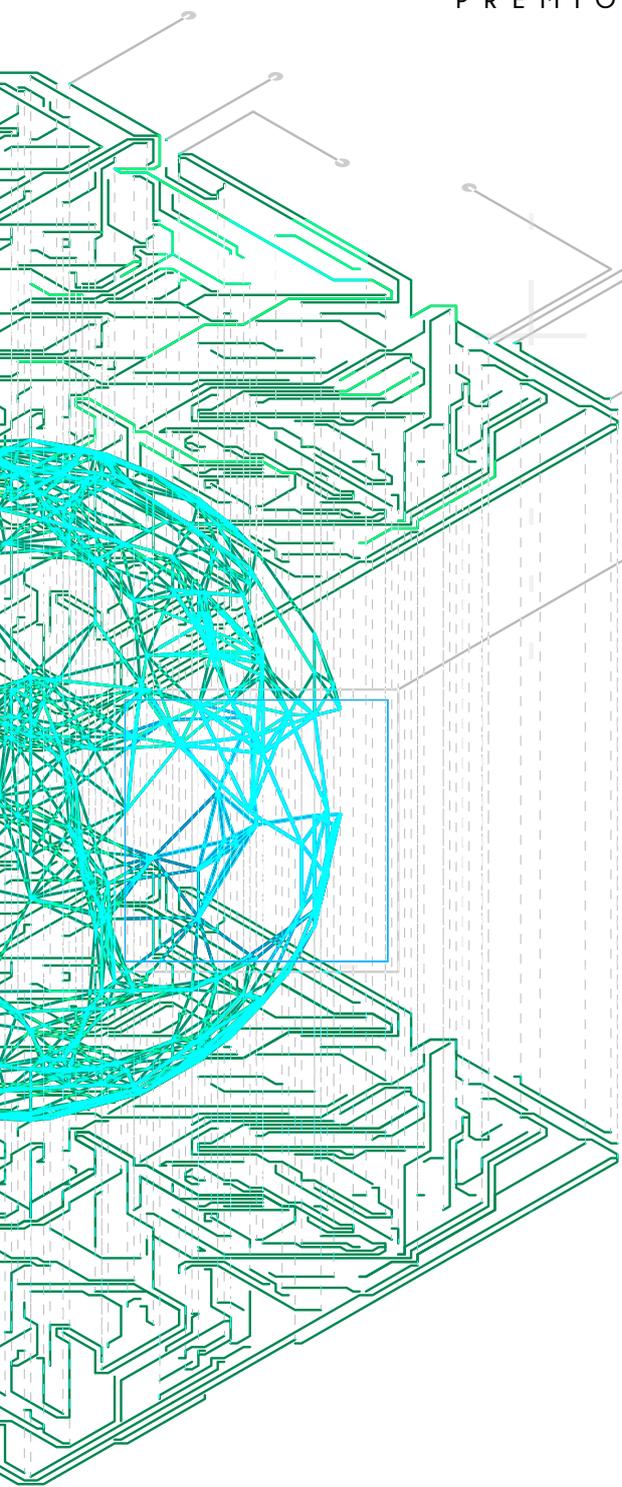
«O seu maior feito terá sido, de facto, colocar verdadeiramente o doente no centro do sistema» **Francisco Ramos, secretário de Estado Adjunto e da Saúde**

presidiu à cerimónia de inauguração da exposição, realizada no dia 21 de Fevereiro. No seu discurso, recordou «a mulher de coragem, com uma determinação que ia quase até à teimosia», e de uma «solidariedade sem limites», que «mesmo nos momentos mais solitários da sua investigação, estava a pensar, sentir e a trabalhar para os outros». Marcelo Rebelo de Sousa acredita que a sociedade portuguesa continua a beneficiar do seu exemplo e ensinamentos, aproveitando assim o «segundo ciclo da vida de Odette Ferreira».

**Odette Ferreira** Construir futuros / Building futures

**EXPOSIÇÃO-HOMENAGEM**  
 Todos os dias, das 10 às 19 horas  
 Museu da Farmácia / Lisboa

**Tribute Exhibition**  
 From 21<sup>st</sup> February 2019  
 Pharmacy Museum / Lisbon



CATEGORIA  
**INOVAÇÃO EM  
FARMÁCIA**

**PRÉMIO:** 20.000 EUROS

CATEGORIA  
**COMUNICAÇÃO  
SOCIAL**

**PRÉMIO:** 10.000 EUROS



INICIATIVA

**anf**

Associação Nacional das Farmácias

CANDIDATURAS ATÉ  
**15 DE JUNHO DE 2019**

# PARA MAIS TARDE RECORDAR

**TEXTO:**  
MARIA JOÃO VELOSO

**FOTOGRAFIA:**  
MÁRIO PEREIRA

*Hospitais CUF e Farmácias Portuguesas juntos pelas mães e bebês.*

**N**o branco e comprido corredor das consultas de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital CUF Descobertas respira-se a magia da maternidade. Entre consultas, ecografias e outros exames à mãe e ao bebê, é difícil manter a isenção que é pedida ao jornalista e não termos um desregulamento hormonal. As futuras mães sorriem muito. O tempo é de esperança.

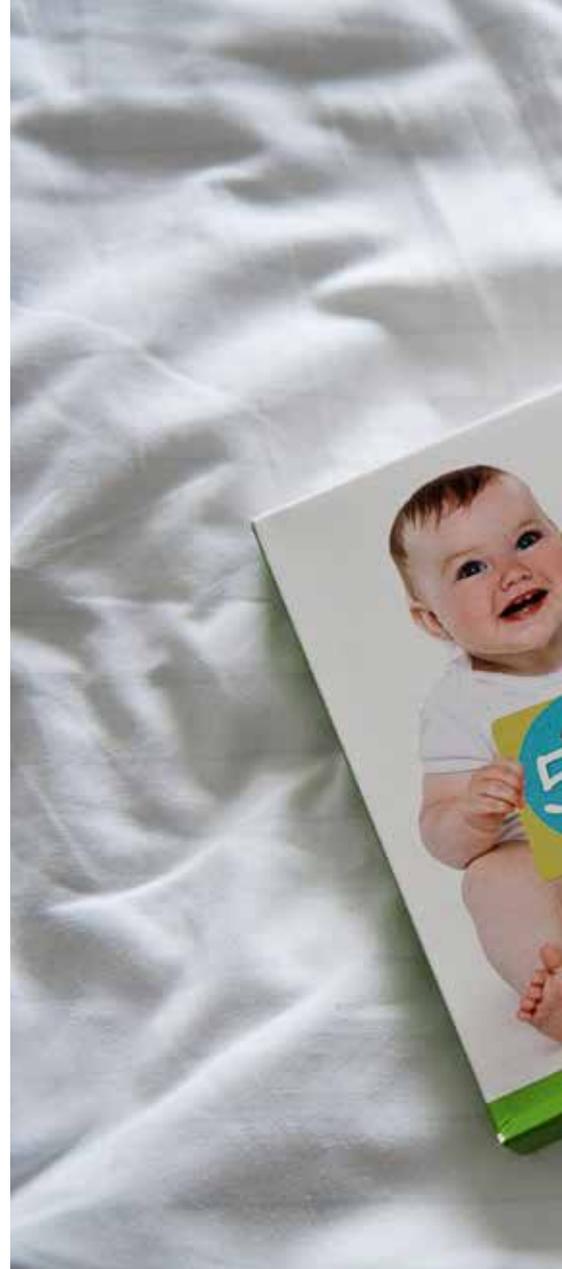
Para Andreia Paes de Vasconcellos, grávida pela terceira vez, «é uma altura em que tudo passa mais rápido». A navegar no líquido amniótico está Carlota ou Teresa, os pais ainda têm dúvidas, que virá fazer companhia aos irmãos de quatro e dois anos. A gestante está de 24 semanas e recebe o kit grávida com o entusiasmo próprio de quem sabe perfeitamente ao que vem.

Uma parceria das Farmácias Portuguesas com a CUF, em curso nos hospitais do grupo do Porto e das Descobertas, em Lisboa, oferece um kit com cartões ilustrados para a mãe celebrar os momentos mais marcantes da gravidez. Já o bebê recebe um kit para mais

tarde recordar o primeiro ano de vida. Cartões mensais dos grandes acontecimentos desde o nascimento, como o dia em que deu os primeiros passos. Ambos incluem um vale de cinco euros para gastar nas farmácias associadas. «É um miminho para recordarmos mais tarde. É sempre uma fase bonita da vida de uma mulher».

Lá fora, Andreia é autora do blogue "Tomás My Special Baby", onde conta a experiência de ter um filho com Trissomia 21. Aqui dentro, é uma mãe com baixa de gravidez para se dedicar a cem por cento à família. Enfermeira especialista em Saúde Materna, Cármen Ferreira defende que este tipo de ofertas «ajuda a criar um elo de ligação com os casais». As famílias reagem positivamente quando no momento feliz de levarem o filho para casa são surpreendidas com a oferta. Cátia Reis – enfermeira de referência do piso 3 onde as recém-mães estão internadas – realça que os pais adoram a ideia de tirar a fotografia até aos 12 meses. Fala de «uma memória eterna».

Depois de uma gravidez tranquila, Ana Rita Escobar





Neto fez uma cesariana de última hora. Assim nasceu, há três dias, o Rodrigo, que agora se prepara para conhecer o ninho. O casal veio parar à CUF atrás da obstetra de uma amiga. E não se arrependeu. «Gostámos muito de ter o bebé aqui, sentimos uma proximidade muito grande por parte dos profissionais de saúde». Ana Rita acha o presente das farmácias «mesmo muito giro» e original. Quando perguntamos em que vai ser investido o vale, o pai, Filipe, responde «provavelmente em fraldas, porque o Rodrigo é um profissional a gastá-las».

A história de Joana Abreu é ligeiramente diferente. Foi-lhe detetada diabetes gestacional, que a



*A enfermeira Catia Reis oferece o kit à mãe Ana Rita*

obrigou a ter cuidados acrescidos com a gravidez. Foi sempre acompanhada no Hospital CUF Descobertas. Diogo nasceu há dois dias. Esboça sorrisos típicos de recém-nascido, sem dar qualquer sinal de fome ou de desconforto. Joana fez cesariana, porque a sua bacia não abre o suficiente para os bebés descerem. Com o filho mais velho aconteceu o mesmo. Duarte, de dois anos e meio, mal pôs os olhos no irmão «fartou-se de lhe dar festinhas e beijinhos». O pai, Luís, que assistiu ao parto, fala da sensação que é «ouvir o choro do bebé pela primeira vez». Com um sorriso, Joana recebe o kit bebé e comenta que o vale é bem-vindo: «Precisamos sempre de qualquer coisa da farmácia».

Pandas, meninas, meninos, girafas, macacos e coelhos de peluche povoam as paredes brancas da sala de espera das consultas de pediatria. Avós cantam lenga-lengas, que alternam com choros de bebés gorduchos em passeio com os pais nos carrinhos de recém-nascido. É neste ambiente descontraído que falamos com a professora Ana Neto, pediatra e coordenadora do Centro da Criança e Adolescente. Segundo esta especialista, é importante «em todas as profissões que têm intervenção na área da saúde criar sinergias e complementaridades» e o kit bebé é um bom exemplo disso. Iniciativas como esta geram familiaridade entre a mãe e o pediatra, numa relação cada vez mais informal.

Pedro Ferreira, director-geral das Farmácias Portuguesas, também valoriza essa cumplicidade. O objectivo é «dar às mães um maminho, numa altura em que as relações humanas ganham uma importância maior», expõe o farmacêutico. Pedro Ferreira realça que as farmácias são o primeiro ponto de apoio das mães na comunidade.



Andreia Vasconcellos conta a sua experiência com um filho portador de trissomia 21 no blogue "Tomás My Special Baby"



A enfermeira Carmen Ferreira diz que a oferta «ajuda a criar um elo de ligação com os pais»

«O UTENTE É O MAIOR BENEFICIÁRIO DE UMA RELAÇÃO ESTREITA ENTRE MÉDICOS E FARMACÊUTICOS»

Margarida Gonçalves, directora de comunicação da José de Mello Saúde, considera que «o utente é o maior beneficiário de uma relação estreita entre médicos e farmacêuticos». A relação entre a CUF e as Farmácias Portuguesas visa melhorar a experiência dos utentes, unindo «a prestação de cuidados médicos de excelência ao atendimento personalizado na farmácia».

# AQUARIUS®

## hidratação diária

TODAS AS VARIEDADES CONTÊM MENOS  
DE 5 g DE AÇÚCAR POR 100 ml  
OU SÃO ZERO AÇÚCAR



AQUARIUS®  
AQUARIUS® LARANJA

BAIXO EM CALORIAS

REDUÇÃO DE AÇÚCAR DESDE 2018

↓ 30,2%

43,0% ↓



AQUARIUS® ZERO LARANJA

ZERO AÇÚCAR

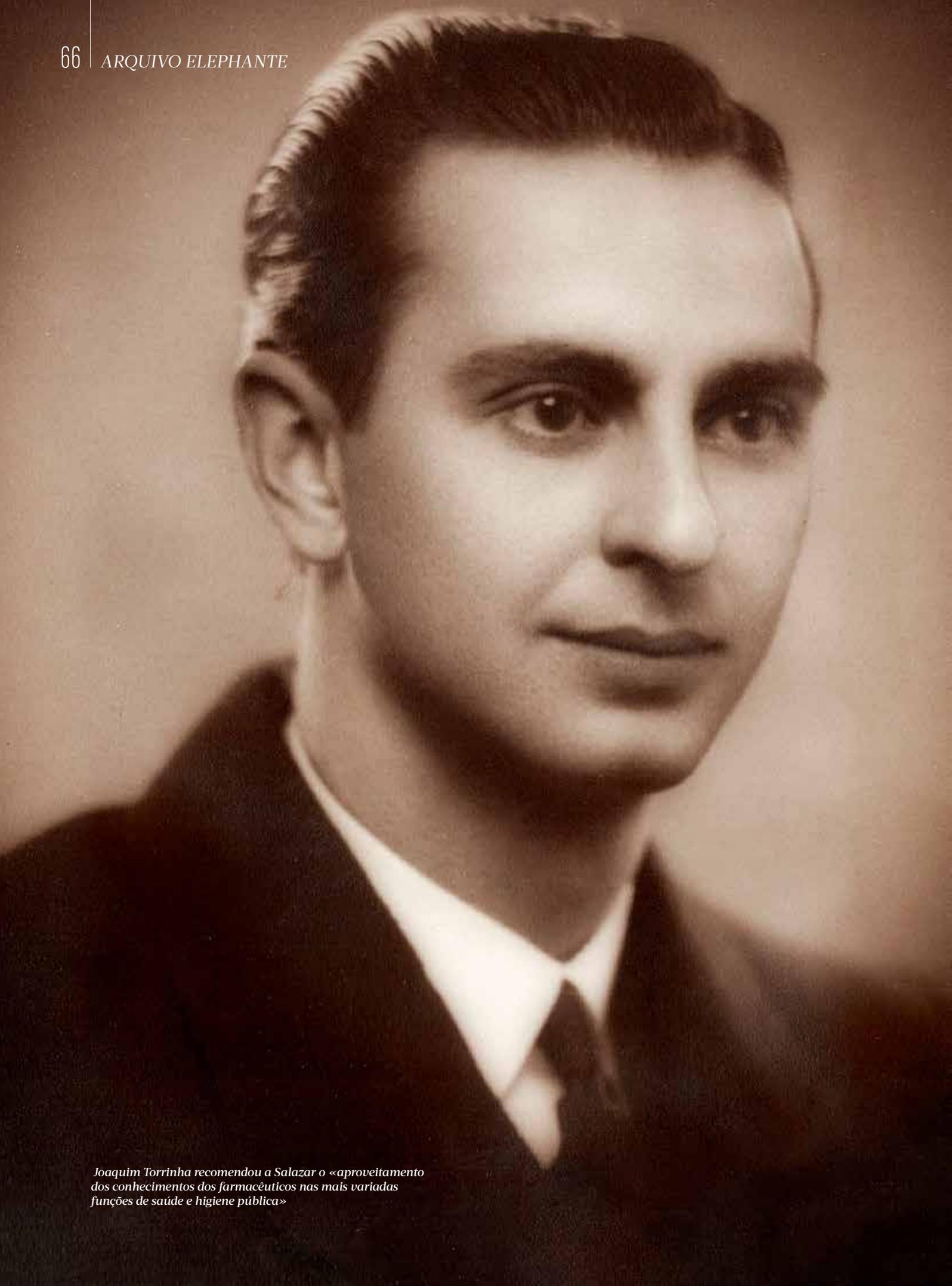


AQUARIUS VIVE® LIMA-LIMÃO  
AQUARIUS VIVE® TROPICAL

COM ZINCO E VITAMINA B3  
COM EXTRACTO DE BAOBÁ  
BAIXO EM CALORIAS



É recomendável seguir uma alimentação variada, moderada e equilibrada,  
assim como um estilo de vida ativo e saudável



*Joaquim Torrinha recomendou a Salazar o «aproveitamento dos conhecimentos dos farmacêuticos nas mais variadas funções de saúde e higiene pública»*

JOAQUIM TORRINHA  
(1918-2014)

«A FARMÁCIA DO  
MEIO PEQUENO  
É A ENJEITADA  
DA NAÇÃO»

*Farmacêutico-historiador levantou  
assim a voz há 50 anos.*

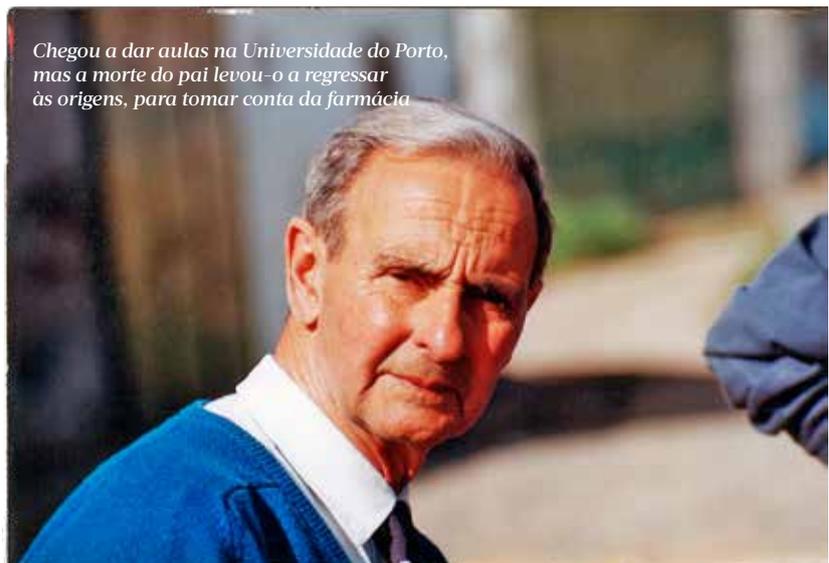
TEXTO:  
PAULO MARTINS

«Ninguém tem o direito, e muito menos o Estado, de sacrificar determinada classe em benefício de outras. Todos vivemos as alegrias da Nação, ou vivemos a amargura das horas más, à sombra da mesma bandeira e sob a tutela da mesma Constituição. Não há um lugar para eleitos e outro para sacrificados». Estas palavras não foram proferidas ontem. Datam de 1964, imagine-se! O tempo, todavia, não lhes roubou sentido, nem tampouco actualidade. A Constituição mudou, é verdade, mas a Nação e a bandeira são perenes. E, infelizmente, também persistem muitos constrangimentos ao exercício da actividade farmacêutica fora dos grandes centros. Era para a vivência desses farmacêuticos que o autor daquela frase, Joaquim Torrinha, chamava a atenção há 55 anos.

O farmacêutico de Vila Viçosa, falecido em 2014, sabia bem do que falava. «A Farmácia do meio pequeno é a enjeitada da Nação, mas nem por isso deixa de lhe devotar o amor que se tem às mães. E por ser assim é que não nos falta a coragem de lutar para a engrandecer, porque desta forma engrandecemos a Nação», disse, na mesma ocasião: uma palestra sobre “O farmacêutico rural”, que seria publicada como separata na Revista Portuguesa de Farmácia. E não é que, sendo na época outros os problemas – «contratos ruinosos» com a Previdência e baixas percentagens de lucros – mantém validade a “receita”

JOAQUIM E A MULHER  
CORRIAM TODO  
O ALENTEJO PORQUE  
ERAM OS ÚNICOS  
ESPECIALISTAS  
EM ANÁLISES CLÍNICAS

«NÃO HÁ UM  
LUGAR  
PARA ELEITOS E OUTRO  
PARA SACRIFICADOS.  
O ESTADO NÃO TEM  
ESSE DIREITO»



*Chegou a dar aulas na Universidade do Porto, mas a morte do pai levou-o a regressar às origens, para tomar conta da farmácia*

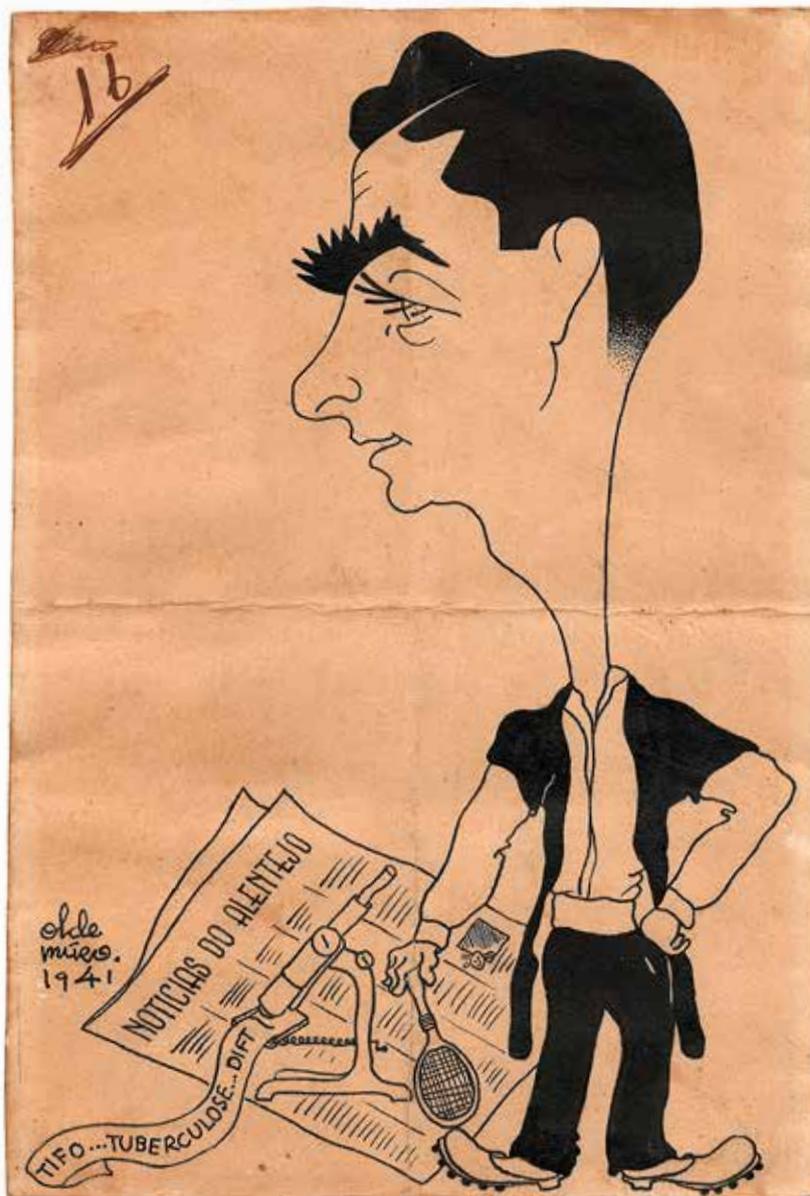
que então passou? A saber: que o Estado utilizasse os conhecimentos dos farmacêuticos «nas mais variadas funções de saúde e higiene pública», incluindo o que apelidava de trabalho de «catequização sanitária». Porque «há ramos de actividade em que a presença do farmacêutico cabe tão bem, que só aos cegos de espírito é lícito admitir que neguem a sua presença lá».

Joaquim Francisco Soeiro Torrinha licenciou-se pela Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto. Talhado para a docência, chegou a tomar posse como assistente contratado, mas a morte inesperada do pai obrigou-o a um apressado regresso às origens, para tomar conta da sua farmácia. Filho único, já que as duas irmãs faleceram prematuramente, tinha de amparar a mãe... e de saldar a gorda dívida herdada. Coração mole, o pai nunca deixara os doentes privados de medicamentos, ainda que só os pagassem após a colheita da azeitona e a venda do azeite.

Atitude típica do que designava por «farmacêutico rural».

Em 1942, quando Torrinha, filho, começou a exercer, a Farmácia Central, rebaptizada com o seu apelido em homenagem ao progenitor, mantinha a porta quase sempre aberta, apesar de o proprietário não ter quem o ajudasse. Não havia escalas de serviço nocturno e só o domingo era reservado ao descanso. Nesse tempo, o Hospital de Vila Viçosa dispunha apenas de dois enfermeiros – ou melhor, de dois barbeiros que faziam uma perninha como enfermeiros. Joaquim e a esposa Fernanda eram, então, os únicos farmacêuticos em todo o Alentejo credenciados com o título de especialistas em análises clínicas. Para acorrerem às necessidades, faziam périplos pela região – hoje Évora, amanhã Estremoz...

Contudo, não há interioridade que sufoque a dedicação e o empenho. Se prova faltava, Torrinha fez questão de a apresentar ao longo da vida. A fixação em Vila Viçosa nunca o impediu de se incorporar no batalhão de defesa da dignidade e do prestígio da Farmácia. Era coisa que lhe estava na massa do sangue. «Em toda a minha vida me mantive



# ! O HOSPITAL DE VILA VIÇOSA SÓ TINHA DOIS BARBEIROS QUE FAZIAM UMA PERNINHA COMO ENFERMEIROS

sempre no cerne das questões que de algum modo tinham a intenção, às vezes não conseguida, de melhorar o exercício da actividade farmacêutica», escreveu em 2002, num pequeno opúsculo destinado a assinalar o centenário da Farmácia Torrinha.

Deixou a sua impressão digital nas lutas decisivas para o sector. Em 1941, estava o regime ditatorial para lavar e durar, teve a coragem de emitir parecer negativo, como líder da associação de estudantes da faculdade, a um anteprojecto de lei danoso para a profissão, por equiparar agentes técnicos a farmacêuticos, em matéria de responsabilidades. Na década de 1960, contestou o quadro legal em gestação, susceptível de ameaçar os farmacêuticos especialistas em análises clínicas, e bateu-se pela lei da propriedade de farmácia, que entrou em vigor em 1965. Ou não tivesse acompanhado o percurso do principal

# ESPÓLIO CONFIADO AO ARQUIVO ELEPHANTE

**P**ublicações profissionais, em alguns casos dos anos 40 do século XX, editadas pelos extintos Grémio e Sindicato Nacional das Farmácias, pela Associação Nacional das Farmácias e por universidades; obras técnicas tão antigas que podem carecer de restauro; livros de actas de congressos e simpósios; documentação diversa. O rico espólio de Joaquim Francisco Torrinha, essencialmente bibliográfico, vai ser confiado à ANF, que através da equipa do projecto Elephante cuidará do tratamento arquivístico.

Rui Torrinha, filho do farmacêutico calipolense

homenageado em Janeiro passado, por ocasião do centenário do seu nascimento, cumpre assim o desejo dos pais de entrega do acervo reunido durante anos a uma instituição do sector. Está em causa um legado afectivo, evidentemente; e, em simultâneo, parcelas da história da Farmácia Torrinha, fundada no longínquo ano de 1902. Uma farmácia sempre aberta a tertúlias de monárquicos como o dono. Ou não fizesse a rainha D. Amélia questão de cumprimentar Joaquim Lourenço Torrinha, quando, de férias na vila do Paço Ducal, passava pela então Rua da Corredoura, hoje Florbela Espanca.

mentor do diploma, o professor Correia da Silva, seu mestre e amigo, com quem colaborou amiúde.

Particularmente activo em congressos e conferências, escreveu sobre os problemas da Farmácia, em publicações profissionais, a partir de 1939. A Sociedade Brasileira de História da Farmácia atribuiu-lhe, em 1956, o estatuto de sócio correspondente. Os seus interesses, porém, extravasavam a área de formação de base. Também licenciado em Ciências Histórico-Pedagógicas, assinou artigos sobre historiografia calipolense e azulejaria antiga. Durante anos, manteve na Rádio Campanário um programa de divulgação.

Em política é que nunca se quis meter. «A "nossa" Democracia, aqui na Farmácia Torrinha, é o respeito e a solidariedade que nos une, cada um no seu lugar, mas sempre com o sentido de servir a todos o melhor que puder e, às vezes, até com sacrifício», assinalou um dia.

«**A** “NOSSA”  
DEMOCRACIA,  
AQUI NA FARMÁCIA  
TORRINHA, É O RESPEITO  
E A SOLIDARIEDADE  
QUE NOS UNE, SEMPRE  
COM O SENTIDO DE SERVIR»



# ELEPHANTE

**ARQUIVO HISTÓRICO DAS FARMÁCIAS**

*Tem documentos, fotografias ou outros materiais  
com valor histórico?*

*Tem histórias para nos contar?*

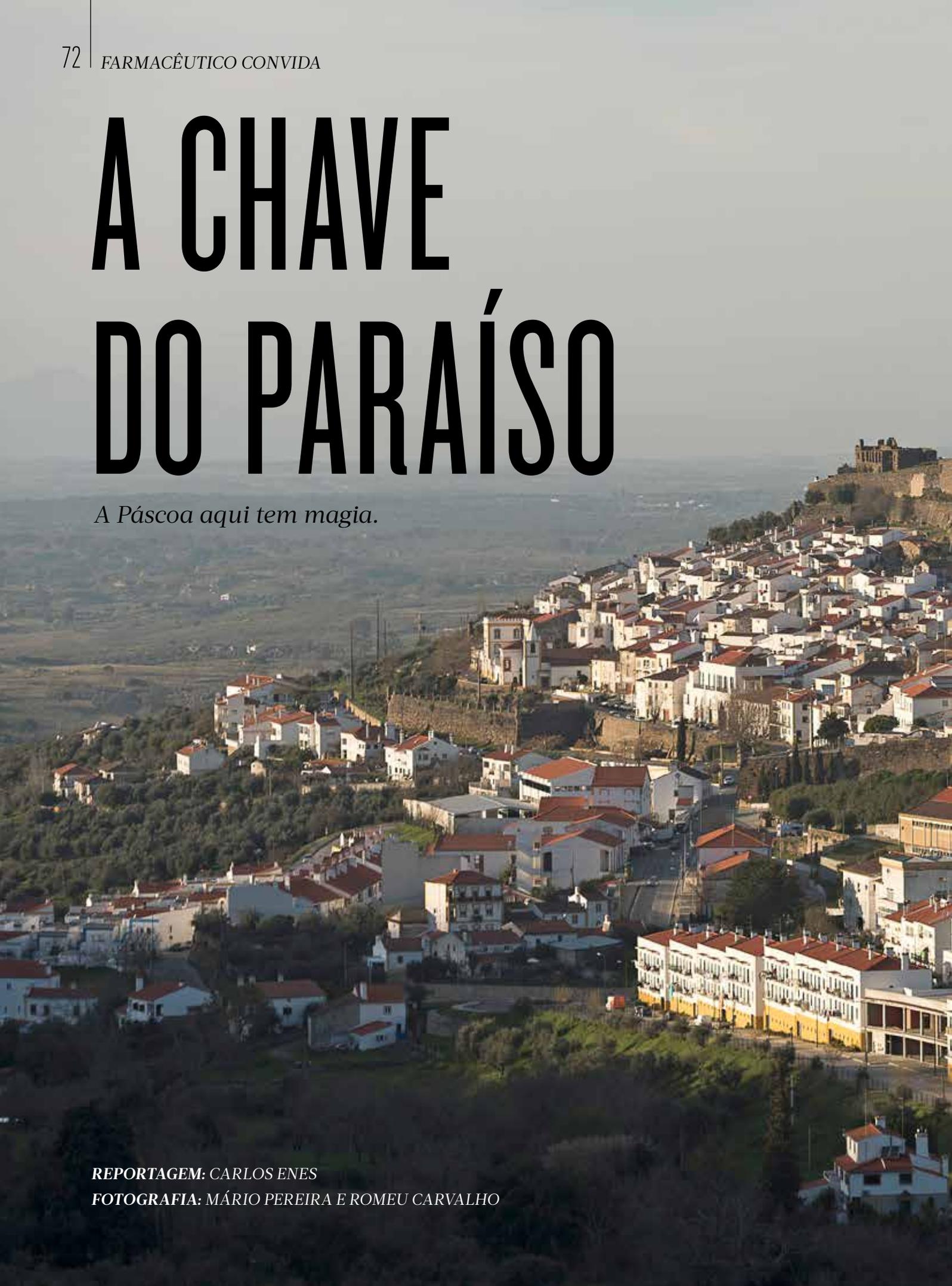
**Junte o seu papel à nossa História**

# A CHAVE DO PARAÍSO

*A Páscoa aqui tem magia.*

**REPORTAGEM:** CARLOS ENES

**FOTOGRAFIA:** MÁRIO PEREIRA E ROMEU CARVALHO



CASTELO  
DE VIDE





**N**o sábado, ainda pelo orvalho da manhã, os cordeiros apresentam-se no centro da vila para serem os primeiros a receber a bênção da Páscoa. No tempo em que havia mais pastores do que automóveis, irrompiam de todo o lado em numerosos rebanhos. As ruas tilintavam de alegria à passagem daqueles ordeiros manifestantes de fatinho de lã e gravata de campânula, sempre a gritar a mesma palavra de ordem desde a arca de Noé.

*- Mee! Meeee! Meeeeeee!*

Foram os animais a ensinar os homens a dar ao badalo. À noite, muitas centenas de campânulas vão transpor as altas portadas da Igreja de Santa Maria da Devesa para a Vigília Pascal.

Provavelmente, a matriz de Castelo de Vide é o maior templo do Alto Alentejo. Se o turista deseja fazer uma fotografia sem amputar uma torre do sino, o melhor é pôr-se a caminho da Ermida da Senhora da Penha, mesmo ali de frente para a vila. A meio da subida, quando encontrar umas torres de telecomunicações, pare o carro. No miradouro natural da Serra de São Paulo, ao lado esquerdo da estrada, Castelo de Vide revela-se inteira e íntegra.

O retrato de família da vila é tão belo que vai guardá-lo para sempre nas memórias da sua vida. Extasiado, D. Pedro V chamou-lhe “Sintra do Alentejo”. Não obstante ser republicano há quatro gerações, o farmacêutico André Barrigas segue o rei no piropo poético à paisagem.

*- O Paraíso tem muitas curvas. Custa chegarmos aqui, como na estrada de Sintra, mas depois ficamos apaixonados.*

Vista do mirante, a Igreja Matriz pastoreia o casario. Ao lado, a muralha do burgo medieval lembra um pequeno cercado para os animais. O exorbitante tamanho do templo, nesta escala urbanística, é um indício resplandecente das luzes e das sombras do nosso passado colectivo.

*- No século XVIII, os cristãos ergueram este edifício descomunal para afirmarem a religião dominante, porque os judeus tinham adquirido muita influência na vida cultural e política.*

Carolino Tapadejo traz no bolso a chave da História que temos para contar. É descendente de uma linhagem de ferreiros judeus, com marca registada em Castelo de Vide desde 1508. Começou aos 11 anos a malhar o ferro na oficina do pai, hoje transformada em museu. Chegou a presidente da Câmara Municipal e a provedor da Santa Casa da Misericórdia. Nessa época, plantou na terra e no coração o vício de investigar o passado. A preservação da memória rende hoje ao município turismo todo o ano, principalmente judaico, proveniente dos quatro cantos do mundo.

*- Esta chave regressou a casa cinco séculos depois!*

É uma chave de ferro, preta e oxidada, quem sabe forjada na oficina dos Tapadejo. Foi levada a correr mundo por uma família judia de Castelo de Vide em fuga à Inquisição. Só nesta comunidade, houve 400 vítimas. A chave atravessou gerações, sempre na mão das mulheres da família. A última foi Esther Cohen, de 82 anos, que não deixou filhos.

# «ESTA CHAVE REGRESSOU A CASA 500 ANOS DEPOIS!»

Doente com cancro, antes de morrer fez questão de vir da Turquia, onde viveu, conhecer a terra mítica das suas origens. Na sinagoga, confiou a relíquia ao comovido Carolino. Foi em 2015, exactamente 500 anos depois da instauração dos tribunais do Santo Ofício.

- *Imagine a minha emoção.*

Faz sentido que o ferreiro-historiador exhiba a chave para a fotografia na encantadora Fonte da Vila. As ruas do antigo bairro cristão e da judiaria convergem para este templo pagão de seis colunas e telhadinho em forma de



*Na Fonte da Vila, Carolino Tapadejo mostra a chave que conta uma história incrível, de tragédia e superação*





O farmacêutico André Barrigas descreve como um poeta o que a sua terra tem de mágico



pirâmide. A nascente de água mineral rega uma tulipa e mata a sede a duas crianças de mármore. Beba também o viandante e vai sentir nascer-lhe no coração uma súbita sensação de paz. Esse efeito terapêutico estava nos planos do farmacêutico nosso guia.

*- Castelo de Vide não é uma terra mais bonita do que outras, mas acaba por ter mais alguma coisa... Dá-nos uma paz, uma segurança, algo mágico.*

A dez minutos a pé do centro, o forasteiro encontra onde pernoitar sossegado e acordar numa ópera de cotovias, estorninhos, pintarroxos, rabirruivos, poupas e rãs. A observação de aves atrai à Serra de São Mamede muitos amantes da natureza.

André Barrigas arrola a alegria das pessoas e o seu prazer em receber como traços distintivos da terra. O patrocínio parece exagerado, mas só até à primeira visita. Em Castelo de Vide, antes de o perguntar já alguém lhe indicou o melhor caminho, as crianças encontram sempre ouvintes atentos e vigilantes, nas esplanadas o cão da família é servido por iniciativa dos proprietários daquela aguinha mineral canalizada da Serra de São Mamede.

*- Qualquer um de nós pode sentir que esta é a nossa terra. É como eu acho que as pessoas acabam por sentir Castelo de Vide, quando aqui passam.*

**O** RETRATO  
DE FAMÍLIA  
DE CASTELO DE VIDE  
FICA NO ÁLBUM  
DE MEMÓRIAS  
DA SUA VIDA



*Todas as organizações locais, da Câmara Municipal ao "Clube dos Franciscos", participam na Procissão da Ressurreição. Este protocolo tem mais de 400 anos*



*O padre Tarcísio Alves partilha palavras de paz e benze os cordeiros*

É sintomático que o farmacêutico diga “nossa” e não “sua” terra. Castelo de Vide aprendeu há muito o desafio da diferença, os horrores do ódio, o préstimo da partilha e o supremo privilégio da paz.

- *Tlim! Tlim! Tlim!*

Os cordeiros começam a ficar nervosos de se verem rodeados de tanta gente. Pouco depois das dez horas de sábado, a cruz de Cristo crucificado faz a sua aparição no adro da Igreja Matriz. De paramento roxo, o cônego Tarcísio

pega num megafone azul celestial e endereça palavras de paz aos fiéis de todos os credos.

- *Enaltecemos os valores do respeito e da diferença entre as pessoas e os povos na construção da paz. Recordamos o espírito de tolerância e de boa convivência que se estabeleceu entre cristãos e judeus de Castelo de Vide.*

A leitura bíblica escolhida para a cerimónia recorda o sacrifício dos cordeiros que permitiu ao povo judeu fugir da escravatura no Egito, rumo à Terra Prometida. A carne



Todos vão receber a Aleluia tocando chocalhos de animais dentro da igreja

assada dos animais deu forças aos eleitos para a viagem. O sangue, pintado nas portas dos crentes, deixou-os a salvo da fúria divina.

*- Naquela mesma noite, passarei pelo Egito e matarei todos os primogênitos, tanto dos homens como dos animais. O sangue será um sinal para indicar as casas em que vocês estiverem; quando eu vir o sangue, passarei adiante.*

Na Páscoa, enquanto os católicos celebram a paixão e a ressurreição de Cristo, a comunidade judaica recorda o êxodo do Egito. A bênção aos cordeiros mostra ao mundo como as duas féis podem conviver num único ritual, ainda para mais com raízes pagãs.

*- Abençoi, Senhor, estes animais que pusestes ao nosso serviço. Abençoi todas as pessoas que deles se servirem. Fazei-nos compreender que Jesus Cristo é o verdadeiro Cordeiro que tira o pecado do mundo.*

À noite, finalmente é a vez dos seres humanos experimentarem o êxtase da paz entre credos e culturas. Afinal, a Igreja Matriz é acanhada para a Vigília Pascal. Está cheia como um ovo e ainda fica gente de fora. Com o aproximar da hora, o nervoso miudinho sobe até à abóboda. Os adultos, com os seus brinquedos mal escondidos, tornam a ser crianças. Por maior devoção, longa se torna a espera pelo grande momento, em que o padre Melícias profere as palavras mágicas que dão início à festa.

*- Aleluia! Aleluia!*

Milhares de fiéis respondem de campânulas no ar, algumas do tamanho de sinos, e desatam a badalar dentro da igreja. Contado, nenhum cristão de fora acredita, mas a “chocalhada” existe e é uma festa de arromba.

A seguir à missa, o povo corre pelas ruas atrás da banda de música. Trombones e chocalhos festejam ao desafio a ressurreição de Cristo, a obediência do Mar Vermelho ao cajado de Moisés, a felicidade de estarmos juntos e vivos. De campanhas eclesiais na mão, os padres e diáconos acompanham a correria e dão solenidade ao desfile. A Igreja abraça sem complexos a festa popular e o lado pagão da Páscoa. Quem dera aos cortejos de Carnaval portugueses espalharem tanta alegria como esta procissão nocturna. André Barrigas convida toda a gente a pegar no badalo da Páscoa pelo menos uma vez na vida.

*- É um sentimento mágico de pertença universal.*

**V**AI A BANDA,  
VAI O POVO E VÃO  
OS PADRES, CHOCALHAR  
ALEGRES PELAS RUAS



*A igreja enche-se. No fim, sai a "chocalhada" em procissão*





# 699 ANOS DE JUDEUS EM CASTELO DE VIDE

**O** diálogo inter-religioso em Castelo de Vide é uma história tumultuosa, com um presente feliz.

Tudo começou há quase, quase, 700 anos. Os primeiros 49 judeus, de 17 famílias, chegaram em 1320. E ficaram, graças à terra fértil e à abundância de água, recurso raro no sul da península e precioso para os seus empreendimentos de tinturaria. Em apenas treze anos, a comunidade judaica, que não parou de crescer, era autorizada a fundar a primeira sinagoga.

Um momento crítico aconteceu quando os Reis Católicos da actual Espanha deram ordem de expulsão a todos os judeus. Em 1492, Castelo de Vide transformou-se num

campo de refugiados. Carolino Tapadejo estudou em detalhe essa odisseia dos seus antepassados.

*- De repente, uma terra de 800 habitantes recebe o pedido para alojar quatro mil almas em fuga.*

Para além de Castelo de Vide, alguns foram parar às terras em volta, como Alpalhão e Nisa. A maioria dos fugitivos vinha sem nada e com fome de tudo. D. João II autorizou-os a ficar por oito meses. Em definitivo, só contra o pagamento de um imposto que a maioria nunca poderia liquidar. Os pobres ficaram entalados entre Castela e o Oceano Atlântico. Não tendo conseguido emigrar, acabaram vendidos como escravos. Os filhos podiam ser-lhes retirados aos dois anos, baptizados à força e embarcados

para colonizar as ilhas de São Tomé e Príncipe.

Em Castelo de Vide, os judeus não tinham nada de exótico. Haviam conquistado a fama de empreendedores e o correspondente proveito ao longo de século e meio de imigração constante. Depois dos tintureiros, a judiaria ganhou com a concorrência de alfaiates, carpinteiros, ferreiros e sapateiros. O nome de alguns resistiu até hoje esculpido na pedra das ombreiras das portas.

A súbita multiplicação por cinco da população foi menos violenta do que noutras regiões. A terra era fértil, rica em água. Não faltava chão de sementeira nem pasto abundante para os animais. Por outro lado, algumas famílias traziam dinheiro e muitas aportavam conhecimento.

Os judeus ganharam influência na corte real. Sabiam Cartografia, necessária à expansão marítima, Botânica e Medicina. Garcia de Orta, amigo de Camões e autor do revolucionário “Colóquio dos simples e drogas e coisas medicinais da Índia”, nasceu em Castelo de Vide em 1500, nove anos depois da sua família ter fugido de Espanha.

*- Não me ponhais medo com Dioscórides nem Galeno, porque não hei de dizer senão a verdade, e o que sei.*

Este espírito livre talvez tenha sido a resposta a uma infância marcada pelo medo e a intolerância religiosa. Para terem o direito de permanecer em Portugal, o mercador Fernando de Orta e Leonor Gomes, seus pais, foram forçados a converter-se ao cristianismo, ainda antes dele nascer.

D. Manuel I começou o seu reinado por libertar os judeus da escravatura, mas a sua política de tolerância religiosa acabou estragada por contrato de casamento. Para lhe concederem a mão de Isabel de Aragão, em 1496, os reis católicos impuseram-lhe a expulsão de todos os infiéis à fé católica. O expediente do rei foi oferecer aos judeus a cruz como salvação, ou pelo menos como alternativa ao degredo. A Fonte da Vila assistiu a centenas de batismos de fachada e à força. Nasciam os cristãos-novos.

*- Eram cristãos para fora e judeus para dentro.*

Em 1536, a Inquisição chega a Portugal, autorizada por D. João III.

*- Tanto quanto sabemos, de Castelo de Vide morreram cerca de 400 pessoas.*

Há 30 anos, a Fonte da Vila assistiu a um momento histórico. O Presidente da República, Mário Soares, pediu perdão pelos horrores do passado.

*- Em nome de Portugal, quero pedir perdão aos judeus das perseguições de que foram vítimas na nossa terra.*

## : BULA

### :1 SINAGOGA DE CASTELO DE VIDE

Museu  
Rua da Judiaria  
T. 245 908 220

### :2 OFICINA-MUSEU DO MESTRE CAROLINO

Rua Nova, 27  
Visitas por marcação  
T. 245 900 061  
[www.museumestrecarolino.pt](http://www.museumestrecarolino.pt)

### :3 PIROLITO

Wine & Tapas  
Rua Almeida Sarzedas, 20

### :4 D. PEDRO V

Praça D. Pedro V, 10  
T. 245 901 236

### :5 VILA MARIA

Turismo de Habitação  
Largo da Cooperativa Sintra do  
Alentejo  
Bairro da Boavista  
T. 960 100 844

### :6 CASA AMARELA

Turismo de Habitação  
Praça de D. Pedro V, 11  
T. 245 905 878

### :7 ANDANÇAS

Festival Internacional de Música  
e Dança Tradicional  
4 a 10 de Agosto  
Barragem de Póvoa e Meadas  
[www.andancas.net](http://www.andancas.net)

# 100.000!

**PAULO  
CLETO  
DUARTE**



**A** petição “Salvar as Farmácias, Cumprir o SNS”, submetida recentemente à subscrição pública, recolheu em curto espaço de tempo mais de 100.000 assinaturas, tendo-se transformado já numa das maiores petições alguma vez apresentadas à Assembleia da República!

Cidadãos de todas as condições sociais, de diferentes profissões, representantes de Ordens Profissionais, de Norte a Sul do país, aderiram à iniciativa em número tão elevado que a nós próprios surpreendeu.

Os portugueses confiam nas farmácias e querem a preservação da rede.

A ligação das populações às farmácias está mais forte do que nunca e sentimos a sua solidariedade connosco todos os dias.

Apoiam-nos e estão preocupados com o encerramento de farmácias.

Entendem que somos um factor de coesão territorial, que tem de ser protegido.

Defendem o uso racional dos medicamentos e são contra as práticas que incentivam o seu consumo, como é o caso dos descontos.

São favoráveis a critérios equitativos de remuneração de todos os agentes do sector do medicamento.

Por fim, são defensores da aproximação dos medicamentos às pessoas, através das farmácias, em áreas como a oncologia, o VIH-sida, a vacinação contra a gripe e outras áreas de Saúde Pública, com particular atenção aos doentes crónicos.

Um doente diabético tem de poder renovar a sua receita de insulina sem ser obrigado a ir para a fila

do centro de saúde.

Um doente portador de VIH-sida deve ter acesso na sua farmácia aos anti-retrovirais de que necessita, sem o sujeitarmos a uma viagem de comboio ou autocarro para ir a um hospital central.

A adesão dos portugueses à petição “Salvar as Farmácias, Cumprir o SNS” significa que os seus anseios coincidem com os nossos objectivos.

Os portugueses estão connosco, como sempre estiveram.

Nós estamos com eles, como sempre estivemos.

Quando visitamos farmácias por todo o país, sentimos a força dos seus proprietários e das suas equipas, a sua capacidade de resistência, o seu carinho pelas populações, a sua ligação com as autarquias e a comunhão de objectivos em que todos estão comprometidos.

Todos querem salvar as farmácias, do litoral ao Interior, e proteger a rede.

Pela nossa parte, prometo que não vamos parar.

Vamos continuar a trabalhar para que a Assembleia da República concretize em projectos legislativos esta petição dos portugueses.

Vamos continuar a lutar juntos contra o encerramento de farmácias, particularmente as mais frágeis, em zonas mais desfavorecidas do território nacional.

Vamos lutar juntos por uma maior coesão territorial no nosso país.

Conto com todos para continuarmos a recolher adesões dos portugueses a este movimento, para salvar as farmácias e cumprir o SNS.

Junte-se a nós.

# health4beauty

THE EXPERIENCE 4 FEIRA DE SAÚDE E BEM-ESTAR



FROM INSIDE

30 MAR  
01 ABR '19

EXPONOR

[health4beauty.exponor.pt](http://health4beauty.exponor.pt)

# Odette Ferreira

Construir futuros  
/ Building futures



A partir de 21 de Fevereiro  
no Museu da Farmácia em Lisboa

ORGANIZAÇÃO



ENTIDADES PARCEIRAS

